



Departamento de Antropologia

A Identidade estampada na pele:
O quotidiano de um estúdio de tatuagem e *body-piercing* em
Lisboa

Raquel Leonor Pimenta Baptista

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Antropologia: Imagem e Comunicação

Orientadora:
Doutora Clara Carvalho, Professora Auxiliar do Departamento de Antropologia do,
ISCTE-IUL

Outubro, 2010

Resumo:

Esta dissertação foca o fenómeno das tatuagens e aborda as questões corporais enquanto peças fundamentais para a criação de uma identidade pessoal e colectiva, ou enquanto sua consequência. É o resultado de um estudo aprofundado sobre as relações sociais no interior de um estúdio de tatuagem e *body-piercing* em Lisboa – *Família Amorim Tattoo* –, com o qual decidi colaborar com o intuito de encontrar pistas, a partir do fenómeno da tatuagem, que permitissem construir esta reflexão.

O método utilizado para o levantamento de dados corresponde a uma observação participante que consistiu numa presença diária no estúdio referido, compreendida entre os meses de Novembro a Maio, levando posteriormente à minha colaboração junto dos profissionais no funcionamento da loja.

Neste processo, foram analisadas as razões que motivaram os clientes entrevistados - com os quais tive a possibilidade de conversar ao longo desse período - a fazer voluntariamente uma *insígnia* como a características que, em contexto ocidental, poderão ser vistas como extremas, principalmente pelo envolvimento de sofrimento físico.

Partindo destes testemunhos, tive por objectivo questionar esses *posicionamentos* na sociedade, relacionando-os com estruturas e códigos de conduta, com a intenção de dar a conhecer a expressividade da tatuagem nas sociedades contemporâneas ocidentais e finalmente com a forma como o seu simbolismo é percebido pela fracção da comunidade urbana lisboeta aqui retratada.

Palavras-Chave: Antropologia do Corpo, Tatuagem, Lisboa, Identidade, Tribos Urbanas

Abstract:

This dissertation focuses on the phenomenon of tattoos and body issues both as cornerstones for creating a personal and collective identity, and as its outcome. It is the result of a detailed study of the social relations established in a tattoo and body-piercing shop in Lisbon – *Família Amorim Tattoo* – with which I collaborated.

The method used for data collection corresponds to a participant observation and, consisted in a daily presence in that studio, between the months of November to May, which later led me to collaborate with the professionals working at the shop.

During this process, I inquired and analyzed the reasons that motivated the shop clients with whom I had the chance to talk over this period into voluntarily making a *badge* with such features, a behavior that in the Western context can be seen as extreme, especially due to the involvement of physical suffering.

From these testimonies, it is my goal to study those positions towards society, in relation to their structures and codes of conduct, with the intention of making known the expressiveness of the tattoo in Western contemporary societies and how their symbolism is perceived by the fraction of the urban community in Lisbon portrayed here.

Keywords: Anthropology of the Body, Tattoo, Lisbon, Identity, Urban Tribes

Agradecimentos:

Presente desde o início gostava de agradecer a orientação, disponibilidade e apoio por parte da Prof.^a Clara Carvalho, que desempenhou um papel decisivo enquanto minha orientadora de tese de mestrado. Agradeço também à Prof.^a Rosa Perez, Prof.^a Carmen Rial e ao Prof. Filipe Reis pelas sugestões e rectificações que foram fazendo à medida que o meu projecto inicial ia sendo concebido. Ao Prof. Vítor Sérgio Ferreira, pela conversa e pelas sugestões feitas.

Aos meus colegas de turma pelas questões que me foram fazendo, e que me levaram a ponderar melhor a minha investigação.

A todos os profissionais do estúdio Família Amorim – Carlos, Toninho e César -, por me terem acolhido desde o início, fazendo-me sentir que também era parte da “família”, bem como a todos os amigos da casa tatuadores e clientes - que nunca se recusaram a esclarecer qualquer dúvida que eu tivesse. À Patrícia e ao Pedro, agradeço toda a simpatia e por me ensinarem que há sempre muito mais para aprender mesmo quando achamos já saber muito.

Por fim, um grande “muito obrigado”, a amigos e família, que tanta compreensão por mim tiveram quando foi preciso ausentar-me, quando pedi opiniões ou quando precisei apenas de palavras de incentivo. A Ana pela ajuda técnica e ao João pelo apoio moral. À Beatriz, ao Ricardo e à Inês, meus companheiros de longa data nesta jornada. A realização deste trabalho nunca teria sido possível sem a preciosa ajuda de todos vós que se envolveram no processo.

Por fim, quero dedicar todo este esforço ao meu avô.

ÍNDICE

Introdução	vi
Definir objecto e objectivos	vi
Relevância académica e pessoal	x
Metodologia	xiii
Imagens de tatuagens e Antropologia Visual	xvi
CAPÍTULO I: A identidade na pele	20
O que é a tatuagem.....	20
História da tatuagem	22
A eternização da tatuagem num mundo inconstante	29
CAPÍTULO II: Traços de um quotidiano	31
O estúdio de tatuagem e <i>body-piercing Família Amorim Tattoo</i>	31
O quotidiano dentro do estúdio.....	35
O Estúdio de tatuagem e <i>body-piercing</i> e identidades locais	37
Perfil dos profissionais de tatuagem e <i>body-piercing</i>	40
CAPÍTULO III: Quão meu é o meu corpo	44
Posse do corpo	44
As apropriações feitas do corpo.....	47
O corpo através dos olhos de outros	50
CAPÍTULO IV: Fazer uma tatuagem	57
Da possibilidade à certeza.....	57
Motivações, influências e gostos	58
Vontades individuais ou adesão a tendências	59
CAPÍTULO V: Tatuagem justificada	63
Como a tatuagem é compreendida e explicada pelos que a possuem.....	63
A imagem da tatuagem nas cidades ocidentais contemporâneas.....	64
Discussões em torno da designação de tribos urbanas	67

Conclusão	72
Bibliografia	76
Anexos	81
Anexo A - Guião de entrevista para tatuadores	82
Anexo B – Guião de entrevista para clientes	84
Anexo C – Exemplo da Declaração de Responsabilidade	86
Anexo D – Exemplo do Cartão da loja	87
Anexo E – Fotografias do estúdio	88
Anexo F – Fotografias dos entrevistados	91
Anexo G – Participações no Anuário Tattoo & Piercing 2009/2010	92

Curriculum Vitae

INTRODUÇÃO

Definir objecto e objectivos

Este é um trabalho que pretende explorar as formas de expressão da modificação corporal, nomeadamente da tatuagem, em diferentes contextos sociais da mesma cultura, mediante a conduta das estruturas culturais, políticas e económicas a si inerentes.

Para saber interpretar a tatuagem associada à cidade de Lisboa e aos indivíduos que aí circulam, é preciso antes conhecer ou reconhecer as qualidades do terreno de que aqui falamos.

Os fluxos migratórios gerados nas grandes cidades dinamizam aquilo que são os fluxos de ideias, padrões de beleza, as modas e tendências, o considerado aceitável ou o exagero, moldando assim constantemente os ideais estéticos onde formas de modificação corporal, como a tatuagem e o *piercing*, ganham uma maior mediatização e consequente adesão, com especial destaque nas duas décadas.

É nesse sentido que esta investigação pretende analisar o vínculo afectivo que cada um dos indivíduos tem para com o seu corpo e para com o corpo do “outro”. Enquanto uma relação socialmente construída, o corpo é produto e produtor de símbolos e significados, bem como e mediador de relações sociais baseadas muitas das vezes na aparência, como altura, peso, grupo etário ou género.

Por fim, serão debatidas as motivações por detrás de um investimento – económico e emocional – na modificação corporal, e de que forma esse investimento pode encontrar-se relacionado com as problemáticas de apropriação e usos do corpo. Transversal às várias temáticas trabalhadas neste ensaio, a reflexão contínua em torno das relações que se criam entre cliente e tatuador e de ambos com o conceito de “tatuagem”, possibilita uma maior aproximação daquilo que constituiu o trabalho de campo e a realidade experienciada.

Partindo destes pressupostos, os meses dedicados à investigação no terreno retiraram inspiração de trabalhos de investigadores na área das ciências sociais, cujo contributo se fez sentir nos estudos sobre modificações corporais nas sociedades contemporâneas. Reflectindo fundamentalmente sobre os trabalhos do José Machado Pais e Vítor Sérgio Ferreira, este ensaio aspira à compreensão deste fenómeno a

partir de uma perspectiva mais localizada no espaço e englobando na análise indivíduos de grupos etários distintos.

De uma diferente expressão, as leituras dos trabalhos de David Le Breton sobre sinais de identidade possibilitaram a esta análise etnográfica expandir os seus limites. Enquanto um produto da Sociologia, *Sinais de Identidade*¹ suscitou o cruzamento de visões interdisciplinares, da Sociologia e da Antropologia, originando novos campos de análise na metodologia antropológica aqui adoptada. Contudo, e apesar de a temática sugerir que ambos possam seguir um mesmo modelo, estes diferem numa série de aspectos: desde a temporalidade ao espaço, à visão do investigador e ao seu método de abordagem, e principalmente, a comunidade analisada. Logo, ainda que as premissas iniciais possam confundir-se, os resultados dificilmente poderiam ser os mesmos.

Finalizado o trabalho de campo, assim como a análise metodológica sobre o mesmo, seguem-se as considerações finais em torno dos que terão sido os sucessos e fracassos da investigação, as possibilidades e os impedimentos que ocorreram, e o balanço das hipóteses verificadas e não verificadas.

A produção deste ensaio enquanto um contributo académico que permitisse o desenvolvimento de estudos deste âmbito foi uma das preocupações constantes. A par de determinar o que seriam as sociabilidades criadas e geridas pelos sujeitos, foi o demonstrar que o papel desempenhado pelo corpo é fulcral para a criação, manutenção e fim das mesmas, merecendo por isso um olhar mais atento e actual da disciplina.

Mediante a interpretação do observado, a tatuagem desempenha neste estúdio a opção com maior destaque quando comparada com outras formas de modificação corporal, como o piercing. Para este colectivo é praticamente unânime que a escolha se prende com a “essência” não linear da tatuagem, logrando de um passado, de um presente e fazendo parte de um futuro. Assim se justifica uma maior orientação da observação e da reflexão para o fenómeno da tatuagem em particular, ainda que o *piercing* seja pontualmente referido e inserido na discussão.

A globalização desempenhou a um papel difusor importante na dinâmica social criada em Lisboa, tanto pelo alcance dos *media*, quer pelos trânsitos mercantis e populacionais responsáveis diariamente por movimentações simbólicas entre as

¹ Ver: Le Breton, David (2004) *Sinais de Identidade. Tatuagens, Piercings e outras marcas corporais*. Tradução Portuguesa, Lisboa: Miosótis

múltiplas comunidades existentes na cidade. Quando redireccionada para o campo da tatuagem, a globalização assume um duplo papel. Com base nos relatos da comunidade entrevistada, há quem a considere benéfica para a informação e educação da comunidade em geral quanto às suas raízes históricas ou implicações médicas, enquanto outros lamentam a perda de originalidade que concedia um sentimento de singularidade. Apesar da sua crescente popularidade nas últimas décadas, este estudo conclui que o fenómeno continua ainda a ser encarado com algumas reservas pela comunidade portuguesa em geral, continuando dessa forma a conceder a estes indivíduos certos laivos da pretensa originalidade.

A crescente consciencialização das questões íntimas ao corpo motivou o questionamento da relação dos indivíduos com o físico apropriado. O levantamento destas problemáticas é justificável por ir ao encontro das motivações inerentes à apropriação corporal através da tatuagem: até que ponto pode ser percebida como um complemento à personalidade do indivíduo ou transformadora dessa mesma personalidade. Em alguns dos casos, foi resultado de um sucesso em batalhas criadas com o corpo – colocado em causa pelo próprio ou pela sociedade – assumindo-se a partir do momento em que se estabelece um ambiente “pacífico” e de plenitude entre o exterior e o interior. Porém, antes da chegada a este estágio, ele é palco de inúmeras experimentações como mudanças de visual, roupa, penteados, estilos, que se vão alterando ou combinando entre si. No campo das modificações corporais, é recorrente o uso de furos e/ou *piercings* nessa fase experimental dado o seu carácter reversível, ainda que a transição para as tatuagens, ou outras modificações corporais consideradas mais extremas, não esteja necessariamente implícita.

Se sobre a pele está a tatuagem, sobre a tatuagem permanece um infindável número de razões, crenças, tradições, gostos ou vontades que defendem a existência de cada um dos pigmentos presentes nessa marca.

A identificação e afectividade para com os amigos, ou um grupo que assume uma aliança entre si, são dois dos principais factores que têm como resultado a presença na cadeira do tatuador, particularmente nas faixas etárias mais novas. Mesmo quando se trata de uma manifestação de rebeldia por parte dos jovens, esta pode ser interpretada como uma rebeldia “unificada” ou “unificadora”, assumindo-os enquanto uma entidade colectiva, agregando-os simbolicamente numa identidade comum.

Quando a decisão é tomada num período pós-adolescente, a primeira tatuagem é um marco das mudanças na vida de alguém, relevantes ao ponto de serem lembradas eternamente.

Não existem limites às influências que resultam no motivo escolhido: desde a música ao cinema, da pintura à literatura, passando pela mitologia e religião. Independentemente do desenho, esta acaba por ser objecto de uma personalização e apropriação do indivíduo enquanto seu.

Dos testemunhos recolhidos, é possível argumentar que a decisão em fazer uma tatuagem resultou em duas reacções opostas: a sua aprovação ou não aprovação por parte de familiares, amigos, colegas, sistema patronal, comunidade, entre outros. Quando não existe a aprovação posterior à decisão, esta é mais provável de acontecer nas faixas etárias mais novas. Aqui, o consentimento por parte dos pais ou responsáveis directos não é atribuído baseando-se na argumentação de possíveis entraves em termos laborais que uma marcação corporal desse tipo pode suscitar. Na eventualidade de se proceder à marca sem o consentimento, a fricção entre as duas partes foi nos casos observados uma fricção temporária, não tendo sido responsável pela quebra de laços afectivos.

Outros relacionamentos já existentes não sofreram alterações significativas após a tatuagem. Já a interacção com desconhecidos, em raras excepções ter-se-á desenvolvido além da conversa “elogiosa” do *trabalho do tatuador* e do “bom gosto” na escolha por tal motivo. Dada a casualidade do momento, o diálogo resume-se a um acto isolado onde se trocam maioritariamente impressões sobre tatuadores ou os estúdios de tatuagem. Quando a abordagem por desconhecidos assume contornos menos positivos, o indivíduo vitimizado pode assumir duas posturas: a de reacção ou a de passividade. Por um lado, pode não atribuir excessiva relevância ao ser alvo de comportamentos passivo-agressivos, como insinuações verbais. Contudo, pode responder igualmente a tais provocações. No grupo entrevistado não houve qualquer registo de agressões físicas motivadas pela posse de tatuagem ou *piercing*, embora tenha assinalado três casos em que a discriminação se fez sentir.

Quanto ao relacionamento criado com o tatuador, este poderá ser desenvolvido quando é palco de um envolvimento íntimo entre ambos, baseado na partilha psicológica e física. Do lado do tatuador, é o acto de conceder a alguém o seu trabalho, ao qual dedicou o treino e cuidado necessários no sentido de o aperfeiçoar. Esse tipo de relacionamento existe e é visível entre os profissionais do *Familia*

Amorim Tattoo e os clientes referidos neste ensaio. Assim, os projectos que se seguiram, tal como aqueles que estão ainda a ser pensados, permanecem reservados à mão do mesmo profissional, não só pela satisfação e aprovação do resultado final, como pelo conforto e confiança que atenuaram a dor característica do processo.

Resumidamente, os objectivos gerais aos quais a investigação se propôs a analisar, acabaram em grande medida por serem atingidos, tendo sido possível conhecer de perto o conjunto de todos os objectos e actos reais existentes, mas fundamentalmente vividos, neste universo.

Ainda que introdutoriamente explicado, acrescento ainda que um exercício com estes contornos assume uma tremenda ponderação naquilo que são os alcances pessoais enquanto investigadora em ciências sociais. A constante mediação entre o que nos define enquanto “indivíduo” e “investigador” implica uma noção permanente de distanciamento, ao mesmo tempo que exige maturidade na execução dos métodos de trabalho. Por esse mesma razão, não encaro esta investigação como uma meta pessoal ou académica, mas sim como ponto de partida para reflexões futuras, podendo assumir ou não os pontos de vista aqui aplicados.

Relevância académica e pessoal

Ainda que no campo das ciências sociais exista uma reflexão em torno das representações sociais, esta é particularmente trabalhada na teoria antropológica. Segundo Jorge Crespo (1990), os trabalhos sobre sistemas simbólicos e redes de significado foram marcados pela obra de Claude Lévi-Strauss, na década de 70, caracterizada pela análise sistemática do parentesco e da mitologia (Crespo, 1990:115). Sobre a *Antropologia do Simbólico*, Jonathan Spencer (1996) sustenta que a abordagem estruturalista de Lévi-Strauss permitiu à Antropologia trabalhar o simbólico de forma similar à linguagem, ao resistir à *metodologia científica* estruturada por Clifford Geertz, pós década de 70, e cingindo-o ao particularismo cultural. (1996: 536). Porém, Spencer defende a posição inovadora que Geertz assumiu num período inicial da disciplina, pelo seu *compromisso* ao detalhe da *descrição etnográfica*, dissociando-se das amplas reflexões exercidas ao social a partir da visão estruturalista e marxista (1996: 538).

Os *símbolos* de uma sociedade podem adoptar a forma de objectos, mitos, crenças, contos populares, tradições, performances, organização do espaço social e

urbanístico, entre outros. A Antropologia do simbólico assume o seu desempenho ao observar e ponderar estas manifestações, já que a presença de símbolos nas diferentes esferas do quotidiano revela a forma como os indivíduos apreendem, interpretam e reproduzem a realidade, mediante as estruturas sociais, políticas e económicas que a compõem. Por análise de *simbolismo* compreende-se o estudo da cultura enquanto um sistema de significados, descodificáveis após a sua contextualização e aproximação aos seus *elementos-chave* (Spencer, 1996: 536). Refere-se assim ao processo de adjectivação simbólica dos processos constituintes da cultura, atribuindo deste modo um sentido ao mundo (Bonte, 1991: 688) Contudo, uma análise aos símbolos deve tomar em consideração o facto de estes se diferenciarem culturalmente e temporalmente, o que implica por sua vez que a reflexão sobre os mesmos se adequa a realidades concretas. Porém, a análise antropológica dos símbolos ter-se-á deparado com alguns percalços, particularmente na sua fase inicial de experimentação e procura pelo objecto e objectivos. Os fenómenos foram recorrentemente alvos de uma desapropriação do contexto em que se encontram inseridos, e por isso, imperceptíveis de serem devidamente decifrados pela análise etnográfica (Spencer, 1996: 539).

Considerando que a perspectiva adoptada neste trabalho valoriza o carácter simbólico da tatuagem em contexto, pretende-se reunir pistas que guiem aos factores condicionantes por detrás deste fenómeno, quando ocorrido no ocidente e em meio urbano.

A tatuagem opera como um símbolo: engloba um gosto, uma vontade, uma posição que só pode ser compreendida a luz da interpretação daquilo que é o espaço que rodeia o indivíduo. Se o olhar vocacionado para as questões do *simbolismo* pode ser considerado relativamente novo, o mesmo pode ser dito sobre os estudos relacionados com o corpo, despertados pela mudança na forma como os indivíduos olhavam para o corpo e as capacidades deste.

Nas décadas de 80 e 90 surge uma reflexão sobre o corpo que se possui e das suas potencialidades a nível estético, relacional e afectivo, tendo sido essa a razão pela qual a tatuagem atingiu uma maior profusão nesse período (Le Breton, 2004). Portanto, tenho em crer que é favorável à disciplina continuar a investir em estudos relacionados com modificações corporais – não só ao nível de tatuagens ou *body-piercing* – uma vez que estas podem ser entendidas como mudanças sociais numa era de permanente mudança, de constante novidade e de difusão ideológica, bem como

forma de saber o que se identifica com as pessoas e com que é que estas se identificam. Paralelamente, permite também compreender o acto de transformar o corpo e até que ponto isso nos transforma a nós mesmos, aquilo que somos e os papéis representados em sociedade.

Porém, quando a questão da relevância é redireccionada para o âmbito específico da Antropologia da Imagem e da Comunicação, considero que este tema suscita uma componente atractiva, não apenas pelo estímulo visual que a imagem confere, mas por todas as interpretações capazes de serem feitas sobre o observado.

A componente do desenho visto como um projecto que joga com tamanhos e cores, fluidez do corpo e dos seus movimentos, é o que pode ser definido como o lado “estético” da questão. Contudo, é justificável perguntar o que isso trará de novo ou até relevante para o desenvolvimento da disciplina. Julgo que a questão reside essencialmente na tradução desses projectos no âmbito da Antropologia Visual ou da Antropologia do Corpo. Esta última cria um campo oportuno para a discussão de questões teóricas, ao mesmo tempo que amplia as competências da disciplina a outras esferas possibilitando um maior entendimento sobre *políticas e práticas corporais* (Lock, 1993:148).

É sempre complicado delinear qual a questão de partida decisiva para dar início a qualquer trabalho. Esta tem de ser capaz de situar o investigador na sua observação, obrigando-o a seguir um rumo o mais disciplinado possível, sem que a curiosidade e o interesse pessoal interfiram na mesma. Neste ensaio, a questão de partida foi a de conhecer o terreno e as suas componentes, à partir do qual podiam ser respondidas as inquietações reflexivas da investigação sobre motivações e intencionalidades por detrás da adesão pessoal a este fenómeno. Até que ponto poderia ser perguntado a estas pessoas se existia uma “mensagem” a transmitir com a tatuagem, sem cometer o erro de hiperbolizar a questão, e de atribuir uma importância que poderia não ser reconhecida pelas mesmas. Na possibilidade desta existir, como é sustentada: as razões que motivaram a decisão; o que pretendia *dizer* ao mundo; quais os factores sociais políticos e económicos que resultaram em tal fim e qual ou as experiências de vida que terão marcado aquela pessoa de uma forma tão significativa.

A nível internacional e nacional, a noção de identidade corporal têm sido cada vez comentada, em especial nas últimas duas décadas, beneficiando da interdisciplinaridade entre as diferentes ciências sociais, fundamental para o

desenvolvimento de uma Antropologia do corpo. Enquanto peça que une o sujeito ao *mundo percebido* e ferramenta que possibilita a *ramificação* de ambos numa só entidade (O'Neill, 1989:19), o corpo é visto pela Antropologia como um conceito *condicionado e condicionante* de outras *estruturas complexas* da comunidade (Willis, 1989: 75).

Tendo em consideração todas as temáticas referidas, o exercício de inserção da tatuagem num campo tão amplo, complexo e ramificado como o do corpo, foi sem dúvida um factor determinante na escolha por tal tema.

Metodologia

Tendo em vista uma análise qualitativa, foi privilegiado o método de observação participante e adoptada a técnica de entrevista directiva, baseada em questões abertas. Assumindo os contornos de uma investigação *in loco*, o trabalho de campo decorreu no espaço do estúdio, suportada paralelamente por pesquisa bibliográfica em obras de referência no campo da reflexividade corporal, da modificação corporal, de comunidades juvenis, da globalização e da Antropologia Visual. O suporte bibliográfico acompanha grande parte da reflexão exercida neste ensaio, considerado como um completo que a valoriza e sustenta. Paralelamente, o apoio em estudos que partilham questões da mesma natureza possibilitou dar mais um passo na investigação produzida nas ciências sociais.

Este estudo de caso dedicou-se à observação de um contexto particular, através do exame das práticas de profissionais de tatuagem e clientes associados ao estúdio de tatuagem e *body-piercing Família Amorim Tattoo*. A decisão em restringir a observação a um único espaço justifica-se por dois factores: o tempo e o carácter qualitativo dos relatos dos entrevistados. O primeiro, em concordância com os limites atribuídos para a sua execução; o segundo acabou por fortalecer o anterior, após considerar que a investigação lucraria com a análise focada intensivamente a um único terreno. A permanência num só espaço criou uma maior afinidade com o ambiente vivido, com as pessoas, objectos e métodos de trabalho, fomentando a confiança de ambas as partes, que transpareceu nas conversas geradas nesse período.

A recolha de informação sobre a loja enquanto espaço físico foi realizada através do exame pormenorizado às várias áreas que a compunham, bem como ao material de consulta disponível para os clientes e os processos de tatuagem dos

mesmos, tendo sido todos os dados anotados em caderno de campo e em recolha fotográfica. Não foi intencional dar primazia à quantidade de testemunhos reunidos, mas antes ao valor presente em cada uma das experiências partilhadas. Procedeu-se à construção de um guião elementar, com tópicos a serem debatidos, acabando por não existir uma ordem sequencial nos assuntos falados. Assim, a palavra “conversa” é a que melhor define as interacções entre mim e estes indivíduos, ainda que sejam referidos frequentemente por “entrevistados”.

O guião de entrevista² foi pensado enquanto um mecanismo na procura de pistas que permitissem compreender como o interesse pela tatuagem é despertado inicialmente e futuramente cultivado. Para isso, existe uma sequencia de eventos, começando o diálogo por aprofundar a descrição pessoal que o entrevistado faz de si, quem é e qual a sua história, evoluindo gradualmente para domínios mais abrangentes como a interpretação que faz dos padrões de beleza actuais. Esta esquematização justifica-se pelas possíveis respostas que surgem do encadeamento desses eventos e possibilitem chegar às questões iniciais da investigação: a motivação e a intencionalidade. O que sustenta essa decisão está subjacente a vivências do indivíduo, seja o tipo de música que escuta ou os sítios da cidade que frequenta com maior regularidade. Portanto, mais do que fazer a tradução do que é dito por estas pessoas, é saber direccioná-las para certos domínios da sua vida pessoal e social, possibilitando ao próprio reconhecer que experiências ou influências exteriores tiveram a tatuagem como resultado.

A formulação de perguntas que orientaram o diálogo foi pensada de forma a debater vários períodos e momentos significativos na vida dos indivíduos com o intuito de perceber de onde provém o interesse pelas modificações corporais; como é aceite ou não pela comunidade envolvente; de que forma elas se manifestam na performance do indivíduo e em que medida promovem as suas interacções sociais. Assim sendo, as perguntas foram agrupadas em sete temáticas gerais. No caso do guião de entrevista para tatuadores, as questões encontram-se organizadas da seguinte forma: num primeiro instante, é feita uma introdução que permite a identificação aos dados recolhidos em áudio e texto. De seguida, são referidos os períodos da infância e adolescência, os estilos de vida e as relações familiares. A profissão de tatuador é questionada enquanto o modo de vida adoptado, tal como as

² Os guiões das entrevistas encontram-se na íntegra nos anexos deste ensaio. (Anexo 1; Anexo 2).

suas implicações na relação com clientes, com outros profissionais e com o meio em geral. A ligação com o estúdio *Família Amorim Tatoo* é referida com o objectivo de localizar o entrevistado no espaço e de o colocar no sistema interaccional existente no estabelecimento. Segue-se a relação criada com o corpo em nome próprio e com o corpo do “outro”, passando pela discussão da relevância da aparência nas sociedades ocidentais e de como ela se expressa em actos discriminatórios para aqueles que não aderem aos padrões dominantes. Por fim, é pedida a reflexão sobre o posicionamento da tatuagem num presente caracterizado pela massificação dos fenómenos.

O guião de entrevista para clientes assemelha-se em grande medida ao guião anterior, nomeadamente no que diz respeito às questões em torno das trajectórias de vida que se cruzam em algum momento com o conceito da modificação corporal. Porém, a conversa com estes elementos direccionou-se um pouco mais para o momento antecedente ao fazer a tatuagem, mantendo-se a conversa já na sala do tatuador e durante o sessão, e as reacções após a tatuagem estar concluída. Optar por não interromper a conversa mostrou-se uma escolha positiva, não só pelo lado da análise, mas especialmente pela cumplicidade gerado pela partilha do momento.

A escolha pelas pessoas referenciadas revelou-se um produto imediato, ainda que tenha sido reflectida anteriormente, surgindo da sugestão dos tatuadores, da imagem extensamente “tatuada” ou da espera antecedente a uma sessão de tatuagem. Quando a sugestão partia dos tatuadores, baseava-se no conhecimento que possuíam sobre essa pessoa e na forma como o diálogo com esta seria benéfico para avançar na pesquisa. Foi estimada a duração de trinta a quarenta minutos por entrevista, embora cada um dos diálogos assumisse durações diferentes. Por exemplo, são de referenciar duas conversas que se excederam a uma hora e meia. A continuação ou conclusão da conversa dependia de factores como o carácter comunicativo do entrevistado e o ambiente existente no estúdio aquando a entrevista. No primeiro caso, fosse por um traço de personalidade mais introvertida ou por um à-vontade em falar destas questões, as respostas poderiam ser objectivas e concisas ou deixar-se divagar de tal forma que era pedido para ser relembrada a pergunta inicial. O segundo factor sobrepunha-se ao primeiro, já que não era possível de ser controlado. Nos dias em que algumas conversas se cruzaram com períodos de maior afluência ao estúdio, o diálogo acabava tendencialmente por ser mais curto em comparação com ambientes mais calmos. Havia uma sensação de inadequação e a atenção era constantemente desviada pelo movimento ou pelas conversas paralelas.

Todas as interações acabaram por ultrapassar as formalidades de entrevistador-entrevistado, chegando inclusive a serem cimentadas relações de afinidade e convívio fora do contexto do estúdio de tatuagem. A certo momento, foi notável a quantidade de material que chegou a ser cedido pelos mesmos – recortes de revistas; fotocópias de livros – para que a investigação e a informação disponível fosse o mais completa e fidedigna possível.

Tendo em consideração estas preocupações, existiu desde o início um trabalho no sentido de aprofundar o conhecimento do terreno, com vista a uma abordagem mais panorâmica da realidade. As deslocações ao estúdio foram efectuadas em diferentes dias da semana – à excepção de domingo em que se encontra encerrado –, em horários alternados, possibilitando assim uma noção mais aproximada com o que seria um quotidiano concreto. Posteriormente, a minha presença assumiu-se diária, desde a abertura do espaço comercial até ao seu encerramento ao público, pois começou a ser perceptível que dessa forma, o impacto da minha permanência ia minimizando se eu própria me fundisse gradualmente com o espaço.

O levantamento de todos os dados aqui presentes corresponde ao período entre o mês de Novembro de 2009 e o mês de Abril de 2010, recolhidos através de um gravador de áudio, de uma máquina de fotografar digital e ao recurso a diários de campo. As gravações foram posteriormente transcritas, seleccionadas, e encontram-se presentes no desenvolvimento do ensaio. O mesmo acontece com as fotografias, de autoria pessoal, e com os cadernos de texto.

Imagens de tatuagens e Antropologia Visual

Cada contexto social é palco de um vastíssimo conjunto de representações simbólicas visuais, no qual se insere o fenómeno da modificação corporal, onde os sujeitos se manifestam – verbalmente ou não verbalmente – na forma como interagem com o espaço físico³ e com outros indivíduos. Uma vez que a cultura se manifesta através dos seus símbolos, uma *boa interpretação* de qualquer fenómeno que em si ocorra, orienta-nos até à origem e aos fundamentos onde se encontra assente essa mesma interpretação (Geertz, 1973:18), sendo que esse jogo de

³ Subjacentes à noção de “espaço físico” encontram-se aspectos como a lógica habitacional da comunidade, a fauna, a natureza, os recursos naturais e a forma como são explorados, os espaços públicos e os espaços privados.

interacções é feito de acordo com a tradução que cada um constrói da realidade em que está inserido.

É neste contexto que a Antropologia Visual se desenvolve a partir da década de 90, enquanto uma sub-disciplina da Antropologia, especializada na interpretação dos símbolos culturais, assumindo-se enquanto tal ao estabelecer um estatuto na *American Anthropological Association* (Morphy, 1997: 1). Note-se que, a utilização da imagem em trabalhos etnográficos data do final do século XIX, seguindo a trajetória de visões disciplinares como as da Zoologia, Botânica ou Geologia (Macdougall, 1997: 281). As fotografias podiam ser captadas tanto pelo investigador, como pela equipa que o acompanhava no terreno. Eram depois tratadas como artefactos, presentes em monografias e expostas em museus, sendo por isso sujeitas a um rigoroso escrutínio na sua recolha, catalogação, exposição e inventariação. As comunidades objecto de análise eram intensamente fotografadas e as monografias repletas de imagens focando a fisionomia dos corpos observados. Esta aplicação da imagem do “outro” levou a um *esmorcimento* da fotografia nos anos 30, após ser associada a relações coloniais de superioridade e subordinação do séc. XIX (Morphy, 1997: 7). Por outro lado, o período pós 1ª Guerra Mundial criou um ambiente caótico, de incerteza e descrença, questionando a *coerência e superioridade* das sociedades europeias (Macdougall, 1997:286).

Ainda que utilizadas pelos antropólogos, as técnicas audiovisuais – fotografia e filme – só são adoptadas enquanto ferramentas etnográficas muito mais tarde. O tardio investimento neste método enquanto parte integrante das técnicas etnográficas revelou que a Antropologia se manteve relutante em entrar em domínios para os quais não considerava ter aptidões. O problema dos antropólogos não foi o de considerarem que a imagem não se traduzia num exercício viável ou relevante para a investigação etnográfica, o problema residia sim na forma como essa imagem podia ser trabalhada e apropriada (Macdougall, 1997: 276). Margaret Mead, antropóloga que se evidenciou enquanto uma das principais defensoras⁴ da Antropologia Visual, reconhece em *Visual Anthropology in a discipline of words* (1995) três grandes obstáculos que impediram a Antropologia de apostar mais cedo na vertente visual. Os elevados investimentos económicos e de tempo eram tidos como prejudiciais à

⁴ Ver *Balinese Character*, 1942, de Margaret Mead e Gregory Bateson. A fotografia por parte de Bateson e o filme por parte de Mead, representaram uma importante ferramenta de trabalho nesta investigação levada a cabo na ilha de Bali, na Polinésia.

investigação, ao desviarem o esforço do investigador das problemáticas iniciais do seu terreno. Com as inovações tecnológicas que caracterizaram as últimas duas décadas, essa dificuldade é hoje facilmente ultrapassável, uma vez que este tipo de material pode ser encontrado em maior abundância e a um custo inferior.

Uma segunda dificuldade prendia-se na forma como podia ser trabalhada a imagem, principalmente em filme: os etnógrafos mantiveram-se reticentes durante décadas em fazer uso da câmara de filmar pois não consideravam ter as noções técnicas necessárias, embora Mead afirme que tal não era exigido. Ainda que valorizado o cuidado e a qualidade, os factores determinantes num filme etnográfico referem-se à sensibilidade no olhar de quem vê através da lente e no conjunto de manifestações visuais⁵ captadas (Mead, 1995: 67). Finalmente, a terceira dificuldade reside no carácter selectivo com que são feitas as observações. Quando o investigador constitui aquela que será a sua observação, estabelece determinados critérios que possibilitam a organização e coerência da análise. Se o objectivo for a reflexão em torno de um fenómeno específico, os olhares serão colocados nas demonstrações do mesmo. Contudo, a restrição desse mesmo fenómeno pode desfragmentá-lo da lógica global de tal forma, que o entendimento do fenómeno no singular resulta na desfiguração do seu verdadeiro sentido. Nesse sentido, Mead adverte que o que é visto pelo leitor enquanto uma verdade acaba por não ser mais do que uma das muitas conceptualizações que podem ser feitas da mesma.

No seguimento da argumentação de Mead sobre as apropriações feitas pela Antropologia das técnicas audiovisuais, e tendo em consideração a forte componente visual que se encontra implícita num espaço como o de um estúdio de tatuagem, recorrer a um suporte visual como a máquina fotográfica revelou-se um forte auxílio na recolha de dados e na sua apresentação, já que o cruzamento entre os métodos visuais e a reflexão antropológica enriqueceu o trabalho ao conceder aos leitores referências daquilo que foi a experiência no terreno. Paralelamente, a apropriação deste método numa investigação com este carácter é justificável já que um dos propósitos da disciplina é o de relacionar estas expressões com o contexto social, político e económico de uma sociedade, cruzando-se assim com o intuito desta reflexão.

⁵ Colectivo de estímulos visuais produzidos, como as danças, os cantos, a lírica, as cores, os gestos, entre outros.

Portanto, tirando partido das recentes possibilidades tecnológicas, foi possível investir na utilização de câmara fotografia e gravador de áudio aquando os momentos de entrevista e em sessões de tatuagem, às quais foi possibilitado assistir. Porém, ainda que em termos de gravação do diálogo não tenha sido impedida a publicação dos dados, em termos de captação de imagem a situação foi diferente. Tratando-se de um ambiente mais intimista, foi sugerido que a fotografia poderia ser tirada mas preferencialmente, após o final da sessão. Por outro lado, do ponto de vista de investigadora, considerei que a fotografia mais sistemática nestes contextos acabava por interferir, de uma forma ou de outra, com o trabalho a ser realizado pelo tatuador.

Quanto à não utilização da máquina no processo da tatuagem, a tradução que daí pode ser feita diz respeito a uma posição dos entrevistados em não querer comprometer a sua imagem pessoal, difundindo-a num momento que lhe é doloroso e em que se expõe fisicamente, colocando-se numa posição vulnerável ao permitir que outros participem de uma experiência que tem como particular e única. Ademais, captar fragmentos desse processo iria ao encontro das preocupações de Margaret Mead, sobre a interacção dos métodos audiovisuais na pesquisa etnográfica, já que estaria a isolar as imagens das suas vertentes emocionais, relacionais e sociais concretas.

Assim se justifica que exista apenas um único registo de uma sessão de tatuagem, sendo que as restantes fotografias captadas são ao espaço do estúdio e às diferentes áreas que o compõem, aos materiais utilizados e à mesa do tatuador, como forma de conceder referências ao leitor sobre o terreno. Ao invés de se efectuarem discursos sobre as experiências observadas em sessões, foi concedido esse espaço e a palavra aos próprios.

CAPÍTULO I: *A identidade na pele*

“The body is strange, therefore; capable of carrying a wide range of ever-changing meanings.”

Anthony Synnott in. *The Body Social. Symbolism, Self and Society*, 1993.

O que é a tatuagem

Ainda que inicialmente existisse um relativo conforto no tratamento de um assunto com o qual entendia estar familiarizada, a verdade é que pouco mais podemos acrescentar à argumentação quando o conhecimento obtido não ultrapassa as barreiras do senso comum. Não querendo cometer esse erro – que não é de todo desconhecido pelos antropólogos –, foi feito um esforço no sentido de analisar publicações de artigos em revistas da especialidade, mas fundamentalmente, analisadas produções por parte de autores que se dedicaram a estudar as implicações pessoais, sociais e relacionais que o fenómeno da modificação corporal gere. Revelou-se indispensável reunir os mesmos numa bibliografia ilustrativa não só de diferentes contextos quer temporais, quer geográficos, como de disciplinas que também se distinguem entre si. Desta forma, foi possível analisar e mostrar ao leitor o percurso e a história da tatuagem, e como pode ser compreendida nos dias de hoje no seio da cidade de Lisboa, num estúdio que surge como fruto de um negócio entre familiares e amigos oriundos do Brasil, residentes em Portugal.

Como definir a tatuagem? Esta, dentre tantas outras acepções, serve para evidenciar e sentir um reconhecimento na sociedade (Le Breton, 2004:132). Daquilo que é saber reconhecer visualmente o que é uma tatuagem ao saber o que esta implica na sociabilidade dos indivíduos que as possuem, vai uma forte dissemelhança, na medida em que ela significa diferentes realidades mediante períodos temporais, geográficos e contextos sociais distintos, tendo sido por este ponto que se iniciou a investigação.

Em termos técnicos, a tatuagem é explicada enquanto um processo de introdução de tintas de diversas cores – de origem vegetal – através da penetração da epiderme, alojando-se na segunda camada de pele (Vranken, 2009). O carácter estável da derme, ao contrário da epiderme que se renova com frequência, permite a esses pigmentos fixarem-se de forma permanente. Porém, o comportamento evasivo

desta técnica cria uma ferida na região afectada, facilmente tratável, cicatrizada após uma a duas semanas, se as condições de desinfecção forem as recomendadas pelo tatuador. Ainda assim, este período varia consoante o estado de saúde dos indivíduos, bem como as propriedades da pele e a capacidade de cicatrização de cada um. Actualmente, as técnicas manuais de tatuar foram substituídas pela rapidez das máquinas eléctricas. Se por um lado minimiza a dor infligida na pele, concede igualmente uma maior segurança tanto para o tatuador, como para o cliente.

A máquina de tatuar é composta um tubo onde fica armazenada a tinta, estando conectado a um sistema de agulhas que são accionadas e controladas por um pedal eléctrico. Quando pressionado, o pedal faz a máquina trabalhar, através de um fio eléctrico que faz mover as agulhas. Com a estabilidade e a força certa, o tatuador consegue introduzir estas a sensivelmente três milímetros de profundidade (Vranken, 2009).

A preparação da mesa de trabalho é um cuidado prévio à entrada do cliente na sala, pois a área precisa de ser desinfectada com uma solução anti-séptica. Tanto a mesa, como a cadeira ou a marquesa, são revestidas com papel celofane. Na mesa de trabalho são colocados toalhetes de papel, assim como uns pequenos recipientes circulares onde são dispostas separadamente tintas de cores diferentes, um copo de água e um recipiente em plástico com aplicador⁶ que contém uma solução para limpeza da pele. Utilizando uma espátula de madeira⁷, o tatuador retira também uma determinada quantidade de vaselina, para ser aplicada na pele do cliente à medida que a sessão avança. Este produto funciona como bálsamo e evita a desidratação da zona. Só no final desta preparação é que o profissional coloca as luvas cirúrgicas, a serem utilizadas única e exclusivamente naquele trabalho, e pede ao cliente que se instale. À medida que o desenho é delineado, é necessário ir reabastecendo o depósito da máquina, embebendo a tinta dos recipientes através da sucção produzida pelas agulhas. Este é um processo repetitivo, intercalado com a limpeza da extremidade do aparelho com água sempre que é utilizada uma tinta de cor diferente, de forma a manter as cores intactas.

⁶ Em contexto hospitalar, este frasco é designado por “recipiente para álcool em plástico com aplicador”.

⁷ Este utensílio é o mesmo utilizado em contexto hospitalar, sendo também denominado por “abaixador de língua”.

No final da sessão, que varia de tempo consoante o tamanho e o detalhe, o desenho é limpo com toalhetes de papel e uma solução à base de água e de desinfectante, para que o cliente possa ver claramente o resultado final.

Explicados os cuidados a ter nos primeiros tempos, o cliente é advertido para as interdições iniciais, como a ingestão de álcool e a exposição abusiva aos raios solares, e pode sair do estabelecimento após a tatuagem ser coberta por película transparente. O processo de limpeza da sala é efectuado de imediato, descartando todo o material como agulhas, toalhetes de papel utilizados, papel celofane e recipientes com as sobras de tinta. Também aqui o tatuador usa luvas descartáveis para efectuar a limpeza e arrumação da sala.

As máquinas de tatuar são desmontadas para que o tubo e a extremidade – isenta de agulhas – possam ser colocadas na sala de esterilização. Estes materiais, tal como as pinças utilizadas para a perfuração dos piercings, são depois lavados com água corrente e desinfectante líquido, secos com uma toalha e cuidadosamente analisados para que não exista qualquer vestígio de matéria. De seguida, cada um dos instrumentos é colocado dentro de uma manga de papel apropriada para a embalagem a vácuo, cortados, selados e colocados para esterilizar dentro de um *autoclave* a altas temperaturas, durante 20 a 30 minutos. Este processo garante a eliminação de todos os microrganismos agressivos e transmissíveis que possam ainda estar presentes no material. Os instrumentos são finalmente arrumados nos respectivos locais, e encontram-se prontos a ser utilizados novamente.

Qualquer retoque que seja necessário fazer no desenho do cliente é efectuado após a total cicatrização da tatuagem e nunca antes.

História da tatuagem

As modificações corporais, contrariamente a convicções de senso comum, datam de uma fase pré-histórica sendo essa posição suportada pelo legado material existente, posteriormente examinado por arqueólogos e historiadores (Neville, 2005:44). As *pinturas corporais* assumiram um papel decisivo na separação entre o homem e o restante reino animal, na medida em que personificavam a sua individualidade de um colectivo (Ruscione, 2004: 33).

Os cientistas supõem que estas fossem infligidas por motivos medicinais, já que os ingredientes naturais presentes na composição da tinta funcionariam como curativo

para determinadas doenças degenerativas. Na Antiga Grécia, marcas corporais enunciavam a condição sublime das divindades, ao mesmo tempo que conferiam às deusas *protecção reprodutiva*, como presumem os pesquisadores que tiveram a oportunidade de examinar de perto uma múmia *Amunet* tida como pertencente à alta representação de *Tebas*⁸ que apresenta *pontos e traços* na zona envolvente ao abdómen (Caddel, 2010: 12). Este costume começou a desvendar um padrão quando foram descobertas múmias de guerreiros datadas entre 100 A.C. e 50 A.C.. Estes corpos encontrados na Sibéria e na Ásia Central tinham em si inscritos imagens de animais, assumindo e enaltecendo dessa forma a imagem e o estatuto de lutadores (Ruscone, 2004: 35).

Paradoxalmente, eram os escravos⁹ na Grécia Antiga os submetidos a uma *marca corporal* não voluntária que denunciava a sua condição inferior aos demais, já na Roma Antiga fazia-se questão de evidenciar a desonra dos prisioneiros através de uma insígnia que fosse visível a todos. Séculos depois, o punho do cristianismo na Idade Média fazia-se sentir na repreensão de quem efectuava tal prática, o que massificara a associação entre tatuagem e comportamentos imorais: *flores-de-lis* tatuadas em ladrões e mulheres que se dedicavam à prostituição eram mantidas em segredo por aqueles que as tinham no corpo, a fim de não revelarem a sua imagem de *marginais da* sociedade (Ruscone, 2005: 35). Ainda hoje as tatuagens são incorporadas pelos que infringem a lei, como as tatuagens feitas na prisão, longe do olhar de guardas dada a sua proibição. São uma *proeza* levada a cabo pelos próprios ou por outro prisioneiro, como forma de demonstrar repulsa pelas regras que lhes são impostas, ao mesmo tempo em que facilitam a integração dos indivíduos em determinados grupos (Le Breton 2002:59). Também os *Yakuza* – organização mafiosa japonesa – adoptaram a tatuagem integral como parte da sua imagem característica de grupo. Desenhos de sakura – flores de cerejeira -, dragões, tigres ou carpas são alguns dos símbolos mitológicos que mais se vêem nestes projectos corporais, tradicionais da cultura japonesa, que seriam inscritos na pele recorrendo a técnicas tradicionais de tatuagem manual. Porém, indivíduos com tatuagens visíveis

⁸ Cidade do Antigo Egipto, considerada Património Mundial pela Unesco. A múmia referida, *Amunet*, seria sacerdotisa da *Deusa Hathor* de Tebas. Para aprofundar este assunto, consultar o artigo na íntegra em: Revista *Anuário Tattoo e Piercing 2010*. Lisboa: Lisgráfica. 2010.

⁹ O *branding* - uma impressão corporal executada por uma ferramenta a altas temperaturas - compreende-se como uma recorrente prática de inscrição na pele de escravos, como forma de definir a sua pertença. Foi todavia banido da Europa no século XVII.

eram muitas das vezes impedidos de entrar em diversos sítios públicos por serem associados a este organismo (Ruscione, 2006: 46-49).

Pelos inúmeros olhares e realidades que possam existir sobre esta prática, procurou-se saber junto dos entrevistados o seu parecer em relação ao fenómeno. De uma maneira geral – apesar de ser mais notório nuns casos do que noutros – existe um profundo gosto por esta *arte*¹⁰, tendo sido mostrado que o gosto estendia-se aos seus primórdios. Por isso, foi com um intenso entusiasmo que foram narradas sucessivas vezes a “verdadeira origem da tatuagem”, das quais foi possível absorver dois aspectos extremamente importantes: a *afectividade* que estes indivíduos têm para com o tema, procurando estudá-lo e descobrir mais sobre ele, sendo que o segundo prende-se com a *divulgação* desse mesmo saber, sustentado pelo exercício de difusão do conceito junto daqueles que não partilham afinidade com o mesmo.

Foi recorrente escutar que “tudo começou” quando a *tattoo* – tatuagem – foi dada a conhecer ao Ocidente através de relatos de expedições feitas pelo navegador inglês James Cook ao Tahití.

Partindo de tal premissa, seguiram-se várias pesquisas em publicações científicas, como em publicações dentro da comunidade da tatuagem, para determinar a origem do interesse dos navegadores por essas estampagens corporais. Esse manifesta-se logo após os primeiros encontros entre navegadores e nativos, marcados pela profunda admiração e intrigação quanto às *tātau*¹¹ extensivas que os nativos orgulhosamente ostentavam. Neste grupo, as tatuagens marcavam, paradoxalmente, a diferença e a união entre si (Ellis. 2008: 1). No caso das tatuagens dos *Māori* – da Nova Zelândia – segundo relatos do Capitão Cook, o seu chefe tinha inscrito *Moko* no rosto – as inscrições feitas na face –, executadas por um *Tapu* – um homem sagrado –, e que demonstram o seu elevado estatuto na hierarquia social Māori, tornando-o ao mesmo tempo mais atraente.

O fascínio por estes corpos tatuados chegou a originar um excessivo e incontrolável comércio de cabeças maori, extensivamente tatuadas, e que eram olhadas enquanto um alto valor de troca. Para os seus compradores eram um troféu, pois os Maori eram vistos como personagens aterradoras dada a sua aparência e o seu rótulo de “selvagem” que, paradoxalmente, atraía e era temido.

¹⁰ A associação feita entre tatuagem e arte foi referida por um entrevistado, embora seja já uma relação bastante falada nos dias de hoje.

¹¹ Crê-se que a palavra inglesa “tattoo” seja uma adaptação desta palavra original das ilhas de Samoa, na Polinésia.

Um século depois, as tatuagens Maori ganharam o seu espaço não só no imaginário Ocidental, como nas próprias bibliotecas. Horatio Robley elaborou uma compilação de retratos Maori tatuados, publicando-a em 1896, “Moko” que hoje se encontra no Museu Britânico de Londres.

Outro fenómeno que impulsionou a difusão desta insígnia foi o facto dos próprios marinheiros regressarem com desenhos tatuados pelos próprios elementos dos povos com os quais se cruzaram durante as suas expedições. Todavia, as modificações corporais permaneciam enquanto fenómenos associadas a todos aqueles tidos como *povos primitivos* (Le Breton, 2004), pois tolerar uma dor física, voluntariamente infligida, era traduzido pela lógica do raciocínio ocidental como uma demonstração de *loucura e atraso civilizacional*. A verdade é que por detrás dessas tatuagens e/ou perfurações da pele, entre outros, encontram-se subjacentes rituais de passagem, demonstrações de espiritualismo, de poder ou simplesmente de embelezamento corporal: “(...) *there are significant differences between this popular Western practice and the practices of those in the West who consider themselves members of communities based primarily around heavy tattooing or extreme body modification practices. For these individuals, tattoos represent not only a form of cultural or symbolic capital, but are also markers of a lifestyle (...)*” (Neville, 2005: 42).

Gradualmente, a tatuagem conquistou a sua notoriedade ao deixar de ser um percepcionada enquanto um fenómeno longínquo no espaço ou remoto no tempo. Desenhos de tatuagens, bem como indivíduos tatuados, começaram a preencher páginas em revistas e outras publicações como aconteceu em *London Graphic* ou *Illustrated News*, a partir de 1883. Não obstante, o melhoramento das técnicas e dos utensílios utilizados nas sociedades contemporâneas para a execução de tatuagens, tornando o processo menos doloroso e mais rápido, tornou o fenómeno mais acessível e “experimentável” do que seria antes. Resultado da Revolução Industrial inglesa e norte-americana, o *desenvolvimento urbanístico* e o *aumento da população* originaram consequentemente trocas – culturais, tradicionais, etc. – aos mais diversos níveis, fazendo-se sentir especialmente entre as classes operárias. O perfil do viajante começou a conquistar maior notoriedade entre a população, sendo a sua imagem de “tatuado” objecto de ambição pelos mais jovens (Ruscione, 2009: 52).

O surgimento da primeira máquina de tatuar eléctrica em 1891 emerge de um ambiente fervoroso em torno deste fenómeno. Adaptada pelo tatuador norte-americano Samuel O'Reilly, fundador do primeiro estúdio de tatuagem em Nova

Iorque (Phipps, 2007), o mecanismo é utilizado pela primeira vez pelo seu primo Tom Riley que converte o perfil infame da tatuagem num dos *hobbies favoritos* das altas classes sociais europeias (Ruscione, 2009).

A fase do *Tattoo Renaissance*¹², designação referente ao período que se seguiu ao movimento *hippie* e “libertador” que caracterizou os anos 60, foi um período marcante na história da tatuagem, assistindo-se ao seu renascer enquanto um adorno corporal como qualquer outro. Em Portugal, a tatuagem começou a evoluir a partir dos anos 80, popularizando-se mais na década de 90, sobretudo com a *Internet* e com o aparecimento de canais televisivos estrangeiros.

Dos estudos mais recentes, são de destacar os trabalhos produzidos em Portugal, com e sobre comunidades juvenis, por parte de José Machado Pais e sobre o universo que gira em torno das tatuagens e dos *piercings* em particular por parte de Vítor Sérgio Ferreira.

A tatuagem, tal como a conhecemos nos dias de hoje, é algo notoriamente diferente do que era e representava há décadas atrás. Use-se o exemplo das mulheres: “*A tatuagem é rara nas mulheres antes destes últimos anos. Steward lembra-se da sua raridade dentro da clientela, à exceção, afirma ele, das lésbicas.*” (Le Breton, 2004:46). A entrada no mercado de trabalho e a conseqüente independência económica, concederam à mulher um novo estatuto na lógica das sociedades contemporâneas. Desempenham novos papéis, dentro da família e nas suas relações sociais, assumindo novos direitos e novos deveres. Neste contexto, surge uma maior reflexividade corporal em que as formas de apropriação do corpo são tidas como autónomas e livres. A utilização da tatuagem – ou a escolha por outra modificação corporal –, já não incide nos cânones de outras épocas, mas antes como uma afirmação através do que é entendido como um adorno corporal.

Em *Os Ofícios de Marcar o Corpo* (2008) Vítor Sérgio Ferreira refere-se a todos os indivíduos que actualmente fazem tatuagens no seu corpo, não pertencem aos grupos marginalizados, como “*novos protagonistas*” que “*(...) vieram introduzir uma diversidade muito considerável de possibilidades estilísticas na tatuagem, elevando o grau de exigência estética da iconografia marcada, e enfatizando nas avaliações de qualidade deste meio de expressão artística, nomeadamente dentro do sistema de ensino*” (Ferreira, 2008:94).

¹² Este termo é referido em *A Life told in Ink* (2005), por Atte Oksanen and Jussi Turtiainen, referido na bibliografia, e diz respeito ao revivalismo do fenómeno da tatuagem ocorrido nesse período.

Nos dias que correm, falar de modificações corporais é associá-las frequentemente a gerações mais novas com modos de vida associados a *subculturas* desviantes. Além da natureza desse comentário ser limitadora, tem-se dissociado cada vez mais daquilo que é a realidade. O próprio conceito de jovem e a comunidade ao qual se referia sofreu alterações profundas, logo essa associação precisa de ser repensada.

Por jovens entendem-se os indivíduos com idades compreendidas entre os 15 e os 29 anos de idade, onde a *juventude* é entendida como um *processo de transição* entre a infância e a idade adulta, caracterizado pela independência familiar com o início da vida laboral e conjugal (Conde, 1990: 676). Desta forma, a juventude assume os contornos de uma categoria social com práticas e atitudes próprias, subjacentes à idade e ao investimento nas experiências sociais (Carvalho, 2009: 112) associadas a uma procura consecutiva dos jovens pelo espaço a ocupar na lógica funcional e relacional da comunidade em que se encontram inseridos.

Neste contexto, a *identidade juvenil* emerge de uma maior adesão por parte das comunidades juvenis a determinados símbolos e atitudes (Conde, 1990: 676), unindo-os ilusoriamente em função de características sociais e pessoais semelhantes, como o género de música que ouvem, o desporto que praticam, os locais que frequentam ou o tipo de roupa que vestem.

O sentimento de pertença pode ser recusado ou apropriado pelo jovem. Este pode reclamar uma *identidade individual* ou uma *identidade colectiva*. José Machado Pais definiu a identidade individual enquanto a orientação de “*uma pessoa, uma voz, de uma posição, de uma subjectividade*”, em oposição à identidade colectiva de um “*nós*”, *que nos assemelhamos, em relação a “outros” que de nós se diferenciam*” (Crespo, 2005:54).

Contudo, a *condição juvenil* (Conde, 1990:676) não pode ser compreendida de forma linear e homogénea entre os mesmos indivíduos dentro dos limites da camada etária referida. A educação, as experiências de vida e a personalidade de cada um desses indivíduos determina o estágio em que se este encontra em comparação com indivíduos da mesma idade. Ademais, a própria ideia de juventude alterou-se com o prolongamento da escolaridade obrigatória e conseqüente saída tardia da tutela paternal. Esse período da pós-adolescência mantém-se pendente, obrigando à *diluição* das fronteiras inter-geracionais (Conde, 1990: 685), dificultando definir o que é e não é característico dos jovens.

A turbulenta relação que os jovens desenvolvem com o seu corpo representa um dos aspectos característicos mais marcantes do período da adolescência. A constante metamorfose gerada por uma inadaptação ao aspecto físico revela que os jovens podem tirar proveito do corpo enquanto uma ferramenta de reivindicação contra as estruturas sociais. Por outro lado, a adaptação a determinados padrões estéticos demonstra uma vontade em se integrarem em grupos dos quais fazem parte outros jovens com características semelhantes. Contudo, a preocupação com o corpo não se restringe às faixas etárias mais novas, principalmente quando nas sociedades ocidentais, a diferenciação geracional é cada vez mais desfocada, e a sociedade de consumo aspira a um conceito de eterna juventude. É a lógica de um corpo socialmente construído e desconstruído, que reúne em si todos os símbolos em que o indivíduo acredita e defende perante os outros. José Machado Pais argumenta que “*num cenário de forte reivindicação de direito ao uso livre do corpo, a cidadania problematiza-se cada vez mais nos domínios do self e da sexualidade, reflectindo a individualização da cultura*¹³” (2005: 55).

O corpo encontra não se resume a um *fenómeno biológico* (Synnott, 1993), muito pelo contrário: é dotado de uma capacidade extraordinária de moldar e de ser moldado. Criando uma história pessoal, cria outras histórias colectivas e possibilita a idealização de uma história já que a *personalidade* não se encontra subjacente ao *comportamento de alguém*, mas sim à *narrativa* que este cria sobre si (Giddens 1991: 74). Admitindo que as pessoas *têm e são* o seu corpo (Lock, 1993, 136), muitos estudos têm vindo a ser feitos no âmbito da Antropologia do Corpo, como por exemplo, a análise da linguagem corporal dos indivíduos em diferentes contextos sociais, cujos sentimentos por vezes não se coadunem com as palavras, mas cujos gestos acabam por, voluntariamente ou involuntariamente, dizer aquilo que as palavras não verbalizam. As tatuagens pronunciam-se dessa forma visto que possuem um propósito, independentemente dos valores a si associados, que não se encontra expresso a menos que o indivíduo se disponha a falar sobre ele. Sobre este domínio, Jorge Crespo afirma: “*Assim, nesta perspectiva, as práticas do corpo não se podem compreender enquanto realidades simples e homogéneas mas, sim, no entre cruzamento dos múltiplos elementos económicos, políticos e culturais de uma totalidade*” (1990: 8), acrescentando que o que é feito de um corpo que é tido como

¹³ Em Sociologia, Problemas e Práticas, n.º 49, 2005, pp. 55

“nosso” vai muito além das vontades individuais. Foi nesse sentido que Crespo sustenta que “intervenção do estado é decisiva”, fazendo-se sentir através da *repressão*, exercida pelos órgãos institucionais destinados a cumprir tal fim, o *fortalecimento da consciência moral individual dos cidadãos* ou a *homogeneização das condutas* (1990: 8).

O conflito entre o corpo e tudo o que o condiciona durante é ilustrativo do poder do social e do poder que somos capazes de exercer no social. Gilberto Velho colocou a questão em *Individualismo e Cultura* (1987): “*A questão permanente é qual a maior ou menor viabilidade de um projecto individual efectivar-se em função das relações sociais que o contêm?*” (1987: 118). O choque entre o corpo e a sociedade surge também no considerado “uso natural do corpo”, quando este não se encontra em conformidade com regras sócias que dizem decretam como o corpo deve ser usado, estabelecendo uma dicotomia entre o correcto e o errado. No seu ensaio sobre a *preeminência* atribuída à *mão direita*, o antropólogo francês Robert Hertz (2007) argumenta que o sistema de classificação do mundo baseia-se na separação que os indivíduos exercem dos fenómenos, colocando-os em dois pólos opostos. Tomando como exemplo a utilização da mão direita por um lado e a utilização da mão esquerda de outro, Hertz sustenta que essa separação é feita com base em fundamentos religiosos do sagrado e do profano, portanto, de um sistema de representação sociais (Hertz, 2007: 33). Este dualismo socialmente construído valoriza a utilização da mão direita na escrita em detrimento e má conotação do uso da mão esquerda, acrescentando ainda que essa sobreposição se faz sentir em várias esferas da organização social, como no planeamento urbanístico. A oposição entre as propriedades biológicas corpo e as pretensões da sociedade para esse mesmo o corpo manifestou-se sobretudo quando crianças esquerdinas eram forçadas a ser destras, através de rigorosas pressões escolares e paternais (Hertz, 2007: 31). O corpo assume assim a posição de escudo entre o sujeito e a sociedade, podendo enfrentá-la ou moldar-se em relação às condutas normativas (Ferreira, 2007: 293).

A eternização da tatuagem num mundo inconstante

Numa sociedade em constante agitação e renovação de ideais de beleza, de atitude, de correntes de pensamento como a do séc. XXI, é cada vez mais arriscado definir um comportamento a um único grupo, delimitando a sua existência apenas

numa sociedade ou cultura específica, e o mesmo se aplica à modificação corporal. Arjun Appadurai expõe em *Dimensões Culturais da Globalização* (2004) a dificuldade da Antropologia em analisar fenómenos numa era tão fugaz como a actual, em que “(...) *Parece impossível estudar estes novos cosmopolitismos proveitosamente sem analisar os fluxos culturais transnacionais (...) de um modo que derrota, confunde muitas verdades das ciências humanas de hoje. Uma dessas verdades refere-se entre espaço, estabilidade e reprodução cultural*” (2004: 72).

Por modernidade, à luz de Giddens (1991), compreende-se o período que sucede ao feudalismo europeu, percepcionado como o período da industrialização, orientado por uma política de Estado-Nação. Um dos principais traços das sociedades modernas é a noção de *Self* – auto-identidade – baseada na reflexão do indivíduo sobre si próprio. Essa noção baseia-se não no que somos, mas na relação que temos com os outros e com outras dimensões da vida social enquanto *agentes*. (Giddens, 1991). O processo de globalização revelou-se fulcral para a divulgação do conceito em culturas que não possuíam tal costume. Por sua vez, os *media* tiveram um impacto profundo na banalização do fenómeno – sendo que Portugal não foi excepção –, não só das tatuagens como da estética corporal no geral, sendo cada vez mais comum que cada um dos nós se cruze diariamente com pessoas que possuem tatuagens, *piercings* ou que tenham experienciado cirurgia plástica – estética ou reconstrutiva –, independentemente da sua faixa etária, do género; grau de escolaridade, da profissão que possuem ou classe social que ocupam na sociedade. Sobre a extensão da globalização nos mercados contemporâneos, Appadurai sustenta que “*Parece impossível estudar estes novos cosmopolitismos proveitosamente sem analisar os fluxos culturais transnacionais no seio dos quais progridem, competem e se alimentam reciprocamente de um modo que derrota e confunde muitas verdades das ciências humanas de hoje. Uma dessas verdades refere-se à relação entre espaço, estabilidade e reprodução cultural*” (2004:72).

Actualmente, num mundo em incessante transformação, é curioso constatar que, a permanência da tatuagem é algo cada vez mais desejado por aqueles que a encaram como uma forma de conferir alguma coesão à sua vida, lembrando diariamente as incertezas da mudança: “*O facto de serem objectos de colocação à partida irreversível vem, efectivamente, conferir às marcas uma aura simbólica diferenciada da joalheria tradicional, por definição objectos de pôr e tirar*” (Le Breton, 2004:96). Assumem a posição de elo que nos une ao sítio onde nascemos, às

peças com que fomos criados ou com quem crescemos, aos nossos gostos, às nossas amizades, entre tantas outras motivações, muitos são aqueles que fazem algo em si para levarem um pouco do que lhes é familiar para qualquer lugar.

CAPÍTULO II – *Traços de um quotidiano*

O estúdio de tatuagem e *body-piercing* Família Amorim Tattoo

Escolher um único espaço de tantos outros a si semelhantes revelou-se uma tarefa complexa para a qual foi necessário despendir algum tempo. Inicialmente, foi elaborada uma lista de estúdios de tatuagem e *body-piercing* existentes em Lisboa, baseada em critérios pessoais como a proximidade geográfica ou o conhecimento tido sobre os estabelecimentos.

Após o insucesso nas tentativas de colaboração com dois dos estúdios, ambos justificando-se com indisponibilidade de tempo, a escolha pelo *Família Amorim Tattoo* surge de um afortunado acaso em que ambas as partes podiam beneficiar de um estudo como este. Para a investigação, este estúdio seria o espaço que dava resposta às questões colocadas, tendo concordado em participar activamente nesse processo. Para o próprio estúdio, a minha presença foi vista como benéfica para a divulgação não só dos serviços prestados, como na própria divulgação do conceito da “tatuagem” para o público em geral.

Durante a primeira e a segunda visita foram debatidas as etapas principais da observação e de como esta seria feita. Posteriormente, foram explicados os métodos de recolha e de tratamento de todo o material levantado, acordados todos os pontos iniciais, como a assiduidade e a duração das “visitas” ao estúdio, seguindo-se as conversas sobre a origem da loja e o perfil dos profissionais que aí trabalham.

As noções e terminologias aqui referidas foram explicadas por Carlos Amorim e pela restante equipa, aquando da minha presença no estúdio. Foi mostrado todo o trabalho executado num estúdio de tatuagem, desde o atendimento dos clientes à arrumação das salas de trabalho, à execução das tatuagens e à limpeza dos materiais. Após dois meses, comecei a auxiliar na execução de algumas dessas tarefas, em especial no atendimento aos clientes e na marcação de trabalhos.

O *Família Amorim Tattoo* abriu as suas portas ao público a 11 de Maio de 2009 após meses de procura insistente por um espaço dentro da área da grande

Lisboa que se desviasse de certos núcleos geográficos onde lojas desta natureza podem ser encontradas em maior número.

Localizado na avenida Almirante Reis, este estúdio beneficia da constante movimentação de pessoas que se deslocam diariamente entre a Praça do Chile e a Alameda, sendo por isso a sua localização numa das ruas mais frequentadas da freguesia de Arroios bastante favorável para o negócio. Ademais, a rede de transportes urbanos da zona – autocarros e metro – torna a loja facilmente acessível. Já a proximidade com as escolas e universidades suscita a curiosidade e o interesse por parte das faixas etárias mais jovens.

Os planos para este empreendimento surgiram de uma iniciativa familiar por parte dos irmãos Amorim, alguns anos antes da abertura da loja. Após trabalharem por conta de outros estabelecimentos de tatuagem, tanto no Brasil como em Portugal, decidem abrir um negócio em nome próprio, pois possibilitava uma maior liberdade criativa e a total independência na gestão e orientação do negócio. Contudo, dos três irmãos, apenas Carlos Amorim continua a exercer a profissão de tatuador em Portugal, sendo por isso o único responsável pelo estúdio. Para colaborarem consigo, Carlos faz o convite a dois amigos, André e Toninho, para ocuparem as respectivas funções de rececionista e *piercer*¹⁴, além de ajudarem nas tarefas rotineiras que um estabelecimento deste tipo requer: gerir encomendas; compra do material; limpeza do espaço; marcação de trabalhos; desinfetar o material reutilizável, entre outras. Meses depois, a loja conta apenas com dois profissionais após a saída de um dos elementos. Todavia, além da presença fixa de Carlos e Toninho, as colaborações por parte de tatuadores convidados, na sua maioria amigos de longa data, são constantes. Em meados de Março de 2010, Carlos propõe a um desses amigos, César, para fazer parte da equipa. Desde esse momento até ao final da minha observação, foram estes os três profissionais com que tive a oportunidade *trabalhar* e de *ver trabalhar*.

Relativamente ao espaço, em termos gerais, a loja é um espaço amplo onde as principais divisões são constituídas por uma recepção, duas salas de tatuagem e uma de *piercing*, uma sala de esterilização e uma sala de desenho. Quando é da vontade do cliente conhecer as instalações para se assegurar das condições que o estúdio oferece, é mostrado todo o espaço, bem como os materiais que vão ser utilizados.

¹⁴ Profissional que executa o *piercing*, sendo este a aplicação de uma jóia numa qualquer parte do corpo, através da perfuração da pele, com o auxílio de uma agulha.

Ainda que não fosse muito recorrente, assinalei essa exigência por parte de dois clientes.

Na recepção, encontram-se disponíveis uma série de fotografias de trabalhos dos tatuadores expostas na parede e num *portfólio*, para que os clientes possam ver que estilo se adequa às suas preferências e qual o profissional mais indicado para o fazer. Em várias zonas específicas da loja, encontram-se disponíveis para consulta um vasto número de revistas nacionais e estrangeiras de tatuagem – compradas pelos próprios tatuadores –, bem como catálogos para que os clientes possam escolher o desenho que pretendem ou obter uma ideia sobre o mesmo, uma vez que o desenho pode ser modificado e adaptado aos seus gostos. Estas revistas têm na sua maioria, publicações nos Estados Unidos datam dos anos 90 até publicações mais recentes.

A decoração do espaço foi uma preocupação constante dos tatuadores desde a abertura da loja. Ao tratar-se de um negócio recente, a questão do “destaque” em relação as restantes lojas existentes naquela rua, foi muitas das vezes, inquietante: desde a colocação de painéis no exterior com o nome do estúdio – que permaneciam iluminados entre as 19h e as 06h – a afixar o nome e o número da loja no toldo da entrada para que fosse possível da estrada, a expor molduras com as imagens dos trabalhos no passeio e à distribuição de *flyers* pelos estabelecimentos circundantes. O interior assemelha-se aos estúdios norte-americanos¹⁵, ainda que tenham sido executadas algumas reformas em termos de disposição dos elementos e cores do espaço durante a minha permanência.

Os serviços que este estúdio oferece são fundamentalmente ao nível da tatuagem e piercing, embora seja possível fazer uma marcação para realizar outras modificações corporais. Estas executadas por um profissional que não trabalha diariamente no estúdio, mas com o qual é possível contactar e marcar uma sessão neste espaço, com uma espera de uma a duas semanas. Até ao momento, não houve a necessidade de colocar alguém especializado nessa área na equipa, pois a procura por modificações corporais consideradas mais extremas não foi significativa. Apesar da crescente adesão, experiências como *branding*, *escarificação*, *surface*, *implantes*

¹⁵ Chão em azulejo preto e branco em padrão xadrez e paredes amarelas e vermelhas. Posteriormente, a cor das paredes foi substituída por um tom de verde-escuro, já que os profissionais consideravam ser uma cor mais harmoniosa e menos agressiva para os clientes.

*subcutâneos, bifurcação da língua*¹⁶, entre outras, continuam a não ser muito comuns em contexto nacional, já que são vistas como demasiado extremas para que a sociedade seja capaz de as aceitar e respeitar.

Em termos de *piercings*, existe uma forte procura por trabalhos feitos na língua e no nariz – no caso de mulheres – e na zona da cartilagem da orelha – no caso dos homens –, sendo executado prontamente após o preenchimento obrigatório da ficha de responsabilidade cedida pelo estabelecimento. Apesar de não ser frequente, também é possível efectuar piercings no peito e piercings genitais, uma vez que se trata do mesmo método de perfuração. Estão também disponíveis *alargadores de orelhas*, podendo ser aplicados no momento, mas apenas até uma certa medida. Os alargadores de orelhas, vulgarmente designados por “túneis”, são objectos de forma circular e feitos dos mais diversos materiais que esticam o lóbulo da orelha. Existem vários tamanhos de “túneis” sendo que a medição é feita por milímetros. Se o processo de aumento do lóbulo é gradual, a troca por um novo “túnel” é feita por um objecto de maiores dimensões, seja de 1mm ou 2mm a mais. Apesar de demorado, este processo é menos doloroso do que o aumento repentino. É possível colocar um piercing de dimensões consideráveis, como um de 8mm, em indivíduos que não possuem qualquer tipo de furo anterior. No estúdio, as dimensões dos alargadores expostos tanto para venda como para aplicação não excedem os 12 mm. Medidas superiores requerem o trabalho do profissional especializado nesse domínio.

No *Família Amorim Tattoo* não são feitos trabalhos faciais, ou em outros locais, onde os profissionais sabem de antemão que a qualidade dos pigmentos da tatuagem se irá deteriorar com maior facilidade¹⁷. À parte destes limites, o principal prende-se com a duração da sessão, que por norma, não excede as quatro horas. Porém, podem ser marcadas sessões contínuas – após a total recuperação do tecido afectado – sempre com o mesmo tatuador. A primeira etapa da tatuagem, independente do seu tamanho ou local, é o *tracejado* – delineamento do desenho – seguido do seu *preenchimento*, com colocação de cor e sombreado. O trabalho tanto assumir uma forma discreta como estender-se progressivamente a um completo *body-suit*. Um *Body-suit* diz respeito a um desenho que visualmente, dá a entender

¹⁶Por *branding* compreenda-se uma imagem feita no corpo através de uma queimadura, assemelhando-se à *escarificação*. Este processo é feito através do corte da pele. O *surface* é um *piercing* aplicado nas superfícies planas do corpo. Os *implantes subcutâneos* consistem numa forma criada por um objecto de silicone ou metal introduzido por baixo da pele. Por fim, a *bifurcação da língua* é o processo de divisão da língua em duas partes que saradas, movem-se autonomamente.

¹⁷ Tatuagens nos dedos ou nas palmas das mãos podem servir de exemplo.

uma uniformidade no padrão, frequentemente ligando as imagens entre si com sombras. Poderá cobrir toda a parte superior do corpo, como pode cobrir toda também a parte superior e inferior do indivíduo. Se o *body-suit* seguir os contornos da *tradicional tatuagem japonesa*, cara, pescoço, mãos e pés não serão tatuados, sendo o limite a medida de 3 dedos antecedendo qualquer uma destas partes: por exemplo, em relação aos braços, a tatuagem tem de acabar 3 dedos acima do pulso.

O quotidiano dentro do estúdio

Em relação ao perfil dos clientes, não me é possível definir concretamente um “cliente tipo” para cada um dos trabalhos executados no estúdio, pois não considero que existisse neste contexto, embora assinale uma distinta diferença¹⁸ entre as faixas etárias mais jovens das faixas etárias mais adultas. Essa distinção diz respeito à decisão em fazer a tatuagem. Se os mais jovens se prendem com preocupações relacionadas com a reacção da família e da escola/universidade, com as perspectivas de trabalho entre outros factores que sejam decisivos para o seu futuro, as camadas mais adultas possuem a vantagem de conseguir contornar estas questões mais facilmente. Além da autoridade paternal não ser idêntica, detêm já uma posição garantida no mercado de trabalho ou uma possuem profissão que não os restrinja em termos de aparência.

Quando os clientes são mulheres, há tendência para entrar na loja fazendo-se acompanhar de uma ou mais mulheres - familiares, amigas ou colegas de trabalho. Isto acontece quando procuram um desenho “feminino”, considerando que outra mulher as possa ajudar nessa escolha, habitualmente decidida no estúdio. No caso dos homens, é comum terem já tem uma ideia fixa do pretendido, ensaiada em rascunhos desenhados por si ou em pesquisas feitas pela *Internet* e em livros, pedindo ao profissional para fazer as alterações necessárias. Seguidamente, é acordado o tamanho e a localização do desenho. Quanto a esta, as mulheres optam preferencialmente pela zona interior do pulso, pela parte de trás do pescoço, pelas costas ou pelo peito do pé. Os homens optam mais pelos braços, especialmente entre a zona do ombro e do cotovelo, pelas pernas – mas especificamente pela região dos

¹⁸ Os dados referidos de seguida dizem respeito à observação generalizada dos clientes que se deslocavam ao espaço do estúdio e não apenas da comunidade entrevistada.

gémeos – e também pelas costas, apesar de uma localização habitualmente diferente da escolhida pelas mulheres.

As clientes femininas demoram habitualmente um pouco mais de tempo a escolher o desenho, embora a seguinte situação ocorra com ambos os géneros: quando o cliente se desloca sozinho ao estúdio, consegue ser mais objectivo naquilo que quer ou naquilo que procura. Quando se faz acompanhar de outra ou outras pessoas, tende a dispersar-se nas opiniões que lhe vão sendo sugeridas pelas mesmas:

“Chega gente que tem uma ideia já, um projecto e tal, tem gente que já vem de cabeça, eu pego no papel e monto já (...) e tem gente que chega lá e diz “quero tatuar” e não sabe o que quer (...) aí, tem de aconselhar “ah mas você curte isso...”, “ah, eu vi na televisão”, e aí você diz que não é bem assim, tem de aconselhar (...), outros tem que ceder e fazer mesmo.” – Carlos César (Tatuador), 27 anos, nascido em Pernambuco e residente em Massamá

“É assim, as pessoas chegam com o desenho mas quando chegam, já conhecem aquilo que é o meu trabalho.” – Simone C. (Tatuadora), 28 anos, nascida no Brasil e residente em Portugal

Independentemente do tempo necessário para garantir que o cliente consiga sair da loja satisfeito com o trabalho que irá ser feito em si, é função do tatuador assegurar que a certeza seja definitiva, o que leva a que todas as modificações feitas pelo tatuador ao projecto necessitem sempre de ser consentidas pelo cliente.

A interacção com o tatuador pode ser estabelecida de uma forma mais efectiva e emocional, ou de uma forma menos descomprometida que começa e termina naquele período: para alguns clientes o discutir o desenho com um profissional revela-se um momento de partilha de gostos e vontades bastante pessoais e importantes para si, especialmente quando é a primeira tatuagem, quando a tatuagem tem a si associada uma componente muito forte ou quando é feita num local do corpo considerado privado. *“O tatuador ou o piercer é então o que permite a passagem para um universo desejado, é idealizado, percebido como um modelo inacessível. Ainda que a relação seja breve e sem futuro, o profissional é encarado como um iniciador, um guru, mesmo que não se fique ligado a ele. É aquele que abriu uma porta para uma outra dimensão do real. (Le Breton, 2004:107-108).*

Relativamente à dor, esta é uma noção extremamente subjectiva. Nos casos em que foi permitido assistir a execução da tatuagem, constatou-se que é vivida por cada indivíduo de uma forma não semelhante: aquando a realização da tatuagem, existem pontos de sensibilidade mais intensos do que outros, além de que o período que esta demora vai também acentuando o “sofrimento”. Perante o tatuador, uns clientes assumem o desgaste e utilizam o braço da cadeira para se segurarem fixamente, outros – nomeadamente mulheres - procuram solidariedade no tatuador, apoiando a mão na sua perna sempre que os instantes de dor são mais rigorosos. Quando se torna extrema, propõem uma pausa ou sugerem que o trabalho seja concluído numa outra sessão¹⁹. Mas um outro posicionamento adoptado – principalmente pelo sexo masculino, à excepção de clientes regulares do tatuador ou amigos, em que existe maior confiança – é o de encarar o processo como algo mais “rotineiro”, não dando a entender que este inflija um incómodo fora do normal²⁰.

Não é possível estabelecer regras quanto à adesão dos clientes ao estúdio, embora tenha constatado que os meses de Inverno são os mais preenchidos, pois concedem o tempo suficiente e aconselhado para a cicatrização da tatuagem, sem a exposição aos raios solares. Embora não exista preferência por um dia da semana específico, incluindo o sábado, há uma maior clientela no período da tarde entre as 17h e as 18h, relacionado com o horário pós-laboral e com o fim do dia de aulas dos estabelecimentos de ensino circundantes. Os feriados, em particular os que se aproximam com o final de cada mês, foram os dias em que houve um considerável número de pessoas no estúdio, não só a tirar dúvidas como a fazerem sessões com os tatuadores ou trabalhos com o *piercer*.

O estúdio de tatuagem e *body-piercing* e identidades locais

Acaba por se tornar um lugar-comum definir a cidade de Lisboa como um espaço onde diariamente se presencia um sem número de trocas multiculturais dado os fluxos migratórios: sejam estes permanentes; período de férias; adesão a eventos

¹⁹ Neste estúdio em específico, as “sessões” são períodos de 3 a 4 horas contínuos de tatuagem. Variam consoante o tamanho do desenho e pormenor, sendo porém o factor decisivo a tolerância à dor por parte do cliente. Em alguns casos, cada sessão pode estender-se às 5 horas, mas raramente excede essa duração.

²⁰ Admitindo contudo, que existem indivíduos com resistência à dor mais elevada do que outros. Esta depende também de factores como a ansiedade originada pela antecipação da mesma, depende do “peso da mão” do tatuador, da zona a ser tatuada, etc.

como festivais, exposições, entre outros. As pessoas interagem através de gestos, da linguagem e de hábitos, uns mais semelhantes aos do país de acolhimento, outros mais distintos, mas que se fundem todos num espaço comum, criando uma nova identidade, singular em toda a sua pluralidade.

“Recorrentemente, a rua é por jovens reivindicada como um palco de cultura.” (Pais, 2005: 57), argumenta José Machado Pais. Contudo, este fenómeno expande-se a qualquer indivíduo que exista, actue e viva em sociedade, sendo uns mais conscientes desse papel do que outros. Por isso, procurei saber junto das pessoas entrevistadas aquilo que têm a dizer sobre a cidade e a sua experiência ali.

Lisboa divide-se nos dias de hoje entre o revivalismo daquilo que é o tido como “tipicamente” lisboeta, daquilo que são as suas tradições e a sua “gente” confundido entre uma nova vaga de manifestações artísticas, musicais, urbanísticas e comerciais, como forma de dinamizar o quadro urbano. Do ponto de vista turístico, Lisboa gere a partilha do que é “seu” com símbolos globais, agregando no seu comércio marcas mundialmente reconhecidas – cafés, restaurantes, lojas de roupa e acessórios – produto de uma globalização em expansão e da consequente massificação desses mesmos mercados. Para contrabalançar esta realidade, tem sido frequente a abertura de lojas que apostam no mercado nacional, principalmente aquelas que difundem o artesanato, vestuário, calçado e adereços, confeccionados em Portugal. Das pessoas com quem tive a possibilidade de discutir estas questões, uns consideram esta dualidade uma fatalidade, para outros revela-se apenas ser um fenómeno inevitável na era da globalização, mas positivo para a capital.

Um facto interessante que acabou por surgir das conversas foi o do sentimento que os entrevistados nutrem para com a cidade. Se existem aqueles que vêem Lisboa como um universo atraente por englobar numa mesma malha urbana uma vastidão de vidas e vivências tão distintas entre si, desse grupo fazia parte um conjunto de pessoas que não nasceram em Portugal ou que não nasceu em Lisboa:

“ [A zona onde mora é] Morta, no fim do mundo. Não tem nada fixe, tem de se vir para Lisboa (...) o movimento e tudo, não tem nada a ver.” – Luís Gustavo (cliente), 21 anos, nascido no Panamá e residente em Odivelas

“Sabes, Cascais é a chamada zona dos betinhos. Mas também, tudo o que é vida social é mais em Lisboa. Vinha de um mundo muito fechado e depois fui

exposta a tudo.” – Cátia (recepcionista de um estúdio de tatuagem e *body-piercing*), 28 anos, nascida e residente em Cascais

Outros acham que esse mesmo aspecto apenas revela uma cidade saturada, onde existe uma constante necessidade em se reprogramar a si mesma. Neste caso, essa posição defendida por pessoas que nasceram, residiram ou ainda residem em Lisboa:

“Acho Lisboa um bocado triste, melancólica, não é muito cuidada e os prédios estão degradados. As pessoas são fechadas umas para as outras.” – Pedro (cliente), 38 anos, residente em Cascais

A diversidade de opiniões sobre a mesma cidade remete para a diversidade cultural que se sente ao pisar as pedras da calçada lisboeta. A verdade é que “(...) também Portugal se tornou cosmopolita (...)”²¹, como constata Cristiana Bastos em relação aos trânsitos mundiais da cidade, ou não fosse este estúdio de tatuagem e *body-piercing* gerido por cidadãos de nacionalidade brasileira, que viram Lisboa como uma boa aposta para iniciar um negócio próprio. É importante referir que se instaurou um *núcleo* de comércio brasileiro na zona envolvente: à medida que abria um espaço comercial, um outro tirava vantagem da proximidade com o mesmo, prolongando de porta em porta o “sentimento brasileiro”²². De loja de tatuagens e *body-piercing*, a um minimercado só de produtos brasileiros, passando por um cabeleireiro e uma loja de roupa, a relação entre estes diferentes espaços em três ruas distintas da Praça do Chile, iniciou-se pela saudade ao país de origem e com o objectivo de trazer um pouco de “casa” às comunidades emigrantes brasileiras residentes em Portugal.

Ainda que esta investigação não tenha como um dos objectivos analisar a vertente do comércio transnacional é importante referi-lo, ainda que brevemente, dado o seu impacto quer na dinamização do negócio, quer na divulgação do produto que este promove. Entre os estúdios e as várias áreas comerciais circundantes, são trocados *flyers* entre si para serem colocados nas respectivas recepções, divulgando-se mutuamente. Pelo que foi possível apurar, uma significativa parte da clientela

²¹ Citado em “Lisboa, século XXI: uma pós-metrópole nos trânsitos mundiais”, em *Tribos Urbanas* (Pais, 2004: 199)

²² A expressão foi utilizada por uma das profissionais do cabeleireiro ao lado do estúdio. As conversas entre os profissionais do estúdio e os negociantes circundantes eram habituais.

interessada num trabalho da *Família Amorim Tattoo*, teve não só a recomendação dessas lojas pelo profissionalismo dos tatuadores, como – e diria que principalmente – por também serem “*seus irmãos*”²³.

Estas ruas de Lisboa tornaram-se num microcosmo para estes indivíduos, que recriam diariamente um pouco daquilo que deixaram do outro lado do oceano. Em nome do afecto que nutrem pelo seu país de origem, cooperam mutuamente, pretendendo assim dar a conhecer as suas raízes não só aos portugueses como a todas as outras comunidades existentes na cidade. Entre o estúdio e estes possíveis clientes, as relações que se estabelecem iniciam-se por uma identificação à nacionalidade compartilhada que se expande posteriormente a uma relação baseada na tatuagem, derivando da sugestão: com as visitas regulares ao estúdio o “fazer uma tatuagem” é insinuado em conversas, posteriormente vista como uma possibilidade a considerar.

Perfil dos profissionais de tatuagem e *body-piercing*

Previamente à discussão com clientes e amigos do estúdio, privei com alguns dos profissionais que aí trabalham, bem como outros que colaboram pontualmente, e foram debatidas as razões que os terão levado a dar o primeiro passo na profissão de tatuador.

A visibilidade desta profissão modificou-se ao longo das décadas, colocando de lado o juízo de que somente jovens com um posicionamento “controverso” em relação àquilo que seriam normas e padrões da sociedade, optavam por tal ofício (Ferreira, 2008: 94). Hoje, integram-se nesse ciclo indivíduos escolarizados e instruídos em desenho. O primeiro passo inicia-se no papel: os traços começam nos pequenos rascunhos, podendo aperfeiçoar-se até ao *graffiti*. Outros pequenos rascunhos acabam por resultar em telas ou na personalização da pintura em automóveis. Independentemente do início, por vontade própria ou por sugestão de outrem, o “dom” teve um mesmo fim:

“Tinha um amigo que viajava pela Europa e que me fez o convite porque sabia que eu sabia desenhar mas ao princípio não gostei, principalmente porque envolvia sangue (...), até então eu mexia com aerografia.” – Carlos César (tatuador), 27 anos, nascido em Pernambuco e residente em Massamá

²³ Expressão utilizada entre os comerciantes das lojas referidas.

“Sempre tive muito interesse por desenho, apesar de ter desistido do curso por causa da professora (...) Aí, fui convencida por amigos a fazer uma [tatuagem] numa amiga deles que se voluntariou (...), não sabia o que estava a fazer mas senti-me motivada a continuar e fiquei um ano a aprender.” – Simone C. (tatuadora), 28 anos, nascida no Brasil e residente em Portugal

Numa fase inicial, a profissão de tatuador é vista como uma “experiência”, um novo desafio colocado pela vida ou até uma brincadeira entre amigos. Existe um misto de novidade e estranheza:

“O que faço na aerografia, faço na tatuagem (...) A primeira pessoa que tatuei foi um amigo meu, fiz uma caricatura nele. Foi um lance muito estranho. Fiquei porque a galera me começou a procurar e aí me deram um kit [de tatuador] e eu decidi praticar.” – Carlos César (tatuador), 27 anos, nascido em Pernambuco e residente em Massamá

Paralelamente, ao se iniciarem no mercado de trabalho, tornou-se um mecanismo para obter independência parental e económica:

“Estou a aprender agora, a começar agora (...), se Deus quiser vai ser o meu ganha-pão.” – Luís Gustavo (tatuador), 21 anos, nascido em Panamá e residente em Odivelas

“Eu estava naquela de querer experimentar coisas novas, coisas de artista, mexer com tom de pele assim, na tatuagem é complicado fazer um lance real (...) a partir daí percebi que podia desenvolver um estilo meu.” – Carlos César (tatuador), 27 anos, nascido em Pernambuco e residente em Massamá

Contudo, a durabilidade da profissão é raramente vista com demasiadas garantias. Sobre o futuro, os tatuadores têm algumas reservas e apesar de ser algo que neste momento lhes é oportuno, preferem manter outras perspectivas em aberto:

“É sempre diferente. Se trabalho com o que gosto... aí já tá tudo tranquilo.” – Carlos César (tatuador), 27 anos, nascido em Pernambuco e residente em Massamá

Algumas das conversas foram tidas com mulheres que trabalham de alguma com a tatuagem, tornando-se praticamente inevitável falar das implicações de *se ser mulher* e de ter sucesso num universo ainda tendencialmente masculino. Paralelamente, relembre-se ainda a má conotação associada ao género e à tatuagem, onde a figura feminina chegava inclusive a ser exibida em *freak shows*²⁴ ao ter um corpo vastamente trabalhado (Neville, 2005: 45).

Ainda que se diferencie nos processos em que é entendida e aplicada culturalmente, a distinção entre ambos os géneros é *comum a todas as culturas humanas* (Pine, 1996:253). Evidenciar as duas posturas na reflexão foi ilustrativo de que existe o reconhecimento dessa diferença também neste universo, podendo interferir nas relações sociais que aí se gerem de inúmeras formas.

As mulheres extensivamente tatuadas são habitualmente mulheres que se relacionam com este meio: tatuadoras, *pierces*, ou pessoas cuja profissão ou círculo de amigos se encontre fortemente ligado a este interesse (Neville, 2005: 57). Actualmente, é recorrente ver o sexo feminino destacado na capa de revistas da área, uma vez que neste âmbito, os traços feminis conseguem ser particularmente apelativos quer a homens, quer a mulheres, seja por uma questão física e/ou por uma questão de trabalho corporal executado (Neville, 2005: 56). Em comparação com o sexo masculino, existem diferenças na forma como ambos os géneros são representados nestas publicações: ao pousarem, as mulheres continuam a adoptar uma linguagem corporal que acaba por ir ao encontro das representações femininas habitualmente reconhecidas noutras revistas. Contudo, há uma ausência da mulher no processo de execução de uma tatuagem, podendo isso ser compreendido como uma questão tradicional onde a mulher assume a posição de *género passivo*, ainda que paradoxalmente, possa também ser interpretado como um processo excessivamente erotizado da imagem feminina (Neville, 2005: 53). Quanto ao tópico “diferenças/similitudes”, foram expressas duas opiniões contrárias. Uma valoriza a relação com tatuadores homens:

²⁴ Espectáculos que se assemelham a performances circenses, exibindo o considerado como o “bizarro”, através de animais ou indivíduos com características físicas tidas como “anormais”.

“Eu sempre me senti uma privilegiada, todos eles me tratam super bem (...), tenho a vantagem com clientes mulheres que se sentem mais à vontade por ter uma tatuadora. Não senti dificuldades neste ramo.” – Simone C. (tatuadora), 28 anos, nascida no Brasil e residente em Portugal

Já outra opinião, ainda que não aponte dificuldades concretas no seu relacionamento com o sexo masculino no local de trabalho, faz questão de mostrar que de uma forma mais geral, o estereótipo permanece:

“Fui a um bar (...) estava nesse bar, nem mal vestida, normal, tinha só as tatuagens das pernas e dos braços à mostra e sei que não houve ninguém que olhasse... nem no sentido pejorativo, nada. Passei completamente transparente, o que num bar é muito estranho (...), estávamos com dois rapazes e eles realmente foram galanteados por todas as raparigas. As mulheres, mesmo sem tatuagens, ficam fascinadas por homens tatuados. Ao contrário, rapazes não tatuados, raramente olham para raparigas tatuadas ou então aqueles que olham, fazem-no no sentido de “grande maluca, deve ser uma badalhoça! [risos]” – Cátia (recepcionista de um estúdio de tatuagem e *body-piercing*), 28 Anos, nascida e Residente em Cascais

Desde a abertura do estúdio *Família Amorim Tattoo* em 2009, que o principal compromisso dos profissionais que aqui trabalham é a satisfação dos seus clientes, garantindo que o espaço ofereça a devida segurança e máximo conforto. Tatuadores e *piercer* apostam na formação, participando de cursos e *workshops* de desenho, investindo no aperfeiçoamento das técnicas, dos métodos e no material de trabalho. Marcam igualmente presença em convenções de tatuagem nacionais e internacionais, mantendo-se a par das novidades do meio ao mesmo tempo que divulgam o seu negócio. As três participações feitas em nome próprio e em colaboração com outros tatuadores, duas em Portugal e uma em Espanha, resultaram em sucesso com a atribuição de prémios em primeiro lugar. Estes foram mais tarde expostos numa das paredes laterais da recepção não só para cativar o cliente, mas para que este possuísse uma “garantia” da qualidade do trabalho aí executado.

Feita a escolha por um dos tatuadores – Carlos ou Cézar – que melhor se adequa ao estilo de desenho pretendido, sendo que Carlos é experiente em *oriental* e Cézar em *realismo*, cliente e tatuador debatem os pormenores e habitualmente, o cliente sai da loja com a ideia base do que irá ser feito. Qualquer alteração subsequente pode ser feita, à excepção da troca total do desenho. Mediante essa situação, é aconselhado ao cliente o adiamento da sessão para que um novo projecto possa ser pensado pelo tatuador.

Actualmente, optar por esta profissão não é apenas resultado de insucessos profissionais ou pessoais antecedentes, como sucedia no passado. Ser tatuador é agora uma forma de vida a que muitos aspiram, à qual dedicam todo o seu tempo e reúnem todos os esforços necessários para progredir. Todavia, a realidade do meio não permite criar ideais ilusórios quanto ao sucesso. Sendo uma área em expansão, a oferta é cada vez maior, o que leva estes profissionais a um trabalho diário que não deixa de ser levado em consideração mesmo nos períodos de maior movimento e lucro do estabelecimento.

CAPÍTULO III - *Quão meu é o meu corpo?*

Posse do corpo

À medida que se avalia a noção de corpo que cada um tem para si, constata-se a autoridade que julgamos ter sobre ele é dividida entre outras *posses* além da posse própria. Como referido anteriormente, a autoridade da cultura encontra-se profundamente enraizada naquilo que o corpo representa para os membros de uma comunidade, fixando por isso regras relativas à sua utilização em determinados contextos do panorama social, e deste em interacção com outros corpos. Por tal facto, este estudo valoriza uma reflexão sobre a posição da tatuagem no ocidente, e onde esta se encaixa na narrativa de uma construção identitária.

Diferentes pessoas são sinónimo de diferentes motivações por detrás das acções. O mesmo se aplica à tatuagem. Ainda que no momento em que é realizada, a motivação seja *aquela* e o significado seja *esse*, é possível que mude com o tempo. Por outro lado, a relação com o próprio desenho varia consoante a habituação ou o aborrecimento do mesmo. Por vezes, há mesmo a escolha de tapar com outra tatuagem, o chamado exercício de *cover-up*, que “apaga” assim a antiga tatuagem.

Este pode ser feito por cima de grande parte das tatuagens, mediante a dimensão, desenho, e cores utilizadas na tatuagem original. Nestes casos, a tatuagem *cover-up* acaba por estar nas mãos do tatuador, pois o próprio cliente terá de lhe conceder total liberdade criativa de modo a elaborar um desenho capaz de cobrir por completo o desenho anterior. Nestas situações, o corpo acaba por ser do tatuador e não da pessoa a ser tatuada:

“Se for uma coisa muito absurda, não faço [a tatuagem].” – Carlos César (tatuador), 27 anos, nascido em Pernambuco e residente em Massamá

“Eu para escolher o desenho disse que ele [o tatuador] tinha a liberdade toda. Se quisesse fazer um *freehand*... eu confiava mesmo nele.” – Luís Gustavo (tatuador), 21 anos, nascido no Panamá e residente em Odivelas

O corpo é a ferramenta de trabalho diária e as suas actividades diárias passam pela garantia das necessidades básicas de que este necessita e que possibilitam o seu funcionamento, como será o acto de comer, beber, dormir ou fazer exercício físico. Porém, a noção de corpo transcende a sua existência “material”: incorpora o intelectual, quem somos e o que queremos para nós e precisamos para o nosso bem-estar. Este passa por cuidados relativos à saúde, mas também a nível psicológico, o de nos sentirmos confortáveis na nossa própria pele. Isso advém do olhar que remetemos para nós próprios; por vezes influenciado pelos olhares que recaem sobre nós. Para perceber os comportamentos com outros indivíduos, é indispensável a qual a relação que estas pessoas têm para consigo mesmas, nomeadamente, para com o seu corpo.

O corpo não é, de todo, “imóvel” na sua existência pois envelhecemos, sentimos dor, sentimos frio ou calor, entre tantos outros aspectos que podem fugir ao nosso controlo, mas que tentamos contornar recorrendo a determinadas “manipulações”: o investimento em estilos de vida saudáveis – ou num sentido mais extremo, em operações plásticas – como tentativa de retardar as vicissitudes da idade ou a utilização de medicamentos para atenuar o sofrimento. O corpo assume-se enquanto um repositório de todos os eventos históricos que sucederam desde o nosso nascimento e até ao nosso fim: cicatrizes de infância, peculiaridades como *tiques*, passando ainda por expressões verbais que nos são características, maneira de vestir,

enfim. É ainda o legado genético dos nossos pais, dos pais dos nossos pais, dos nossos antepassados, que herdámos e que iremos passar às gerações futuras. O *self*, a forma como nos projectamos ao mundo mediante a interpretação que fazemos de nós mesmos, apropria-se do *passado* para conjecturar o futuro (Giddens, 1991: 74).

Ainda que admitindo o seu valor afectivo e emocional, fazer uma tatuagem é na sua condição mais básica, um apontamento estético, independentemente dos fundamentos por detrás da sua existência. Por essa mesma razão é que a localização, a dimensão e o esboço são negociados entre tatuador e cliente e ensaiados as vezes que forem necessárias antes de se tornar definitiva. Contudo, o cuidado com que essa reflexão é feita varia de pessoa para pessoa. Alguns indivíduos deixam grande parte dessa ponderação nas mãos dos tatuadores – o que remete novamente para a questão de posse -, outros decidem tomar o total controlo, mostrando argumentos como “não gostar daquela parte do seu físico”, ou “querer realçar a sua zona favorita.” A tatuagem tem desta forma, duas aplicações: para cobrir algo – cicatriz, marca de nascença, estria – ou para enaltecer a região predilecta do corpo do cliente:

“Eu sinto que cada tatuagem que faço sinto-me mais bonita.” – Cátia (recepcionista de um estúdio de tatuagem e *body-piercing*), 28 anos, nascida e residente em Cascais

Esta adquire aqui um carácter intrínseco ao indivíduo: “*I am more convinced that tattoos are part of the genetic code of man, that tattoos are one of the instinctive behaviors we have since birth, that we can choose to use or not to use, but we should not deny them because we fear our non-rational part, our instinctive part, the most wild and primitive of us* (Ruscone. 2005:37). Por vezes, ela alcança um estatuto superior que excede a mera função de complemento, ascendendo à condição de “a peça que faltava”:

“Acho que há pessoas a quem as tatuagens nasceram para serem feitas nessas pessoas.” – Pedro P. (cliente), 25 anos, residente em Mafra

“Temos algumas escolhas que fazemos, temos algumas que nos são impostas pelo destino. A tatuagem para mim é isso.” – Patrícia (cliente), 28 anos, nascida no Porto e residente em Lisboa

Apropriações feitas do corpo

Antecipando o debate em torno das motivações que terão levado os meus entrevistados a iniciar-se no universo da modificação corporal, é necessário examinar de antemão a relação que estes têm com o seu corpo e de que forma o utilizam no seu quotidiano.

O corpo possui uma locução própria sendo por isso capaz de dizer aquilo que não pretendido ou conseguido expressar por palavras. A linguagem corporal é determinante nos mais diminutos aspectos da vida social, pois revela o que nos define, por vezes, sem termos consciência dessas manifestações: fazemos gestos que atribuem ênfase no que consideramos serem os pontos fortes do físico ao mesmo tempo que é feito um esforço em omitir aquilo que são considerados os pontos fracos. O sujeito pode tocar no cabelo ou vaguear com o olhar quando a situação lhe é desconfortável, tal como pode enquanto ouve algo do nosso agrado.

Apesar da primazia atribuída à “linguagem falada”, esta pode sofrer uma série de implicações que poderão deturpar a mensagem inicial: a mesma frase pode mudar de sentido quando proferida em tons de voz distintos; uma mesma afirmação pode significar ironia dependendo da entoação usada; os lapsos linguísticos poderão causar confusão, tal como a utilização da mesma expressão pode significar realidades diferentes para indivíduos provenientes de diferentes zonas regionais. Contudo, a oralidade funcionou sempre como um poderoso agente na relação entre homens. Foi quando se evidenciou as potencialidades comunicativas do corpo “por si só”, que a academia investiu em estudos nesta área, tendo surgido disciplinas como a Antropologia dos sentidos.

Enquanto uma área disciplinar focada para a compreensão dos meios sensoriais – visão, paladar, tacto, olfacto e audição –, a Antropologia dos sentidos desempenha um forte contributo para a pesquisa antropológica em torno das apropriações que podem ser feitas do corpo, mas particularmente, das traduções que este pode fazer em função do que capta através dos órgãos sensoriais. A constatação deste facto pouco se relacionaria com o tópico fundamental aqui discutido, a não ser pelo facto de se revelar um domínio no qual a cultura também se mostra responsável pelo percepcionamento de estímulos exteriores. Tome-se como exemplo o sentido da visão: a disciplina inculcada na forma como se “olha” irá muito mais além dos processos biológicos inerentes ao sentido. À medida que o indivíduo observa, faz uma

tradução mental do observado a partir das premissas que lhe foram inculcadas pelos padrões categoriais da sua sociedade, definindo-o como bonito ou feio, correcto ou incorrecto, entre outros.

Aquando o desenvolvimento da discussão com os entrevistados, foi colada a questão “*como define a relação que têm com o seu corpo*”, com o propósito em criar um campo oportuno para o debate sobre a consciência e os sentimentos criados para com o físico e como os relacionam com o investimento num projecto como o da modificação corporal:

“Eu amo o meu corpo [risos]. Só há uma razão para eu treinar tanto e é o eu gostar tanto do meu corpo (...) acho o corpo uma coisa fascinante e que nós não o usamos de todo as capacidades completas do corpo. Se as pessoas puxarem por si mesmas conseguem ser felizes.” – Pedro P. (cliente), 25 anos, residente em Mafra

“Há certas coisas que gosto (...), mas tenho-o aceitado mais.” – Diana (cliente), 23 Anos, nascida nas Caldas da Rainha e residente em Bradford

Corpo esse que se tornou uma *peça* de carácter moldável. Alguns terão optado inicialmente por uma solução reversível, como um furo nos lóbulos ou na cartilagem da orelha ou um *piercing* noutra sítio do corpo:

“ [Primeiro] o brinco, depois foram as tatuagens. A primeira foi aos 16.” – Luís Gustavo (tatuador), 21 anos, nascido no Panamá e residente em Odivelas

“Na adolescência, era a fase em que tinha o *piercing* no nariz, escondia e só punha quando saia de casa.” – Cátia (recepcionista de um estúdio de tatuagem e *body-piercing*), 28 anos, nascida e residente em Cascais

“Tenho tatuagem e *piercing*, mas não considero *piercing* uma modificação corporal. Dá para você tirar em qualquer momento.” – Simone C. (tatuadora), 28 anos, nascida no Brasil e residente em Portugal

Contudo, *alargadores de orelhas, implantes subcutâneos* ou *piercings microdermais* entram num outro patamar, não sendo vistos como um *piercings* normais, mas como algo mais “comprometedor” em termos de imagem:

“Nunca era capaz de fazer um túnel, nunca era capaz de meter um daqueles implantes, faz-me confusão.” – Diana (cliente), 23 anos, nascida nas Caldas da Rainha e residente em Bradford

“Não fiz nenhuma [outra modificação corporal]. A mim não me dizem nada, mas percebo que digam a outras pessoas.” – Pedro P. (cliente), 25 anos, residente em Mafra

Para alguns, personalizar o corpo os seus limites ainda que sustentados por factores pessoais – uma questão de gosto – ou delimitados por uma entidade exterior que o indivíduo não tem possibilidade de contornar:

“Foi só um microdermal mas não gostei (...), acabava sempre machucando (...), é mais complicado do que tatuagem.” - Carlos César (tatuador), 27 anos, nascido em Pernambuco e residente em Massamá

“Eu mesmo sendo uma pessoa de mente extremamente aberta também tenho a noção que há coisas que não faria pois considero um extremo. Tenho noção de que se um dia tiver um trabalho de secretária, tenho de ter outra postura. (...), quando se perde a noção há tendência ao abuso (..), têm de se criar regras e aí as regras são para todos.” – Cátia (recepcionista de um estúdio de tatuagem e *body-piercing*), 28 anos, nascida e residente em Cascais

“Só não faço mais agora porque sou gerente de um restaurante. Imagina eu chegar a uma mesa com o braço todo tatuado...” – Luís Gustavo (tatuador), 21 anos, nascido no Panamá e residente em Odivelas

Nestas opiniões, os limites acabam por ser delineados pela hierarquia da instituição empregadora, onde a entidade patronal possui a opinião decisiva em relação à imagem dos seus funcionários. A imagem cultivada diz respeito a um visual cuidado

mas subtil em termos de marcas distintivas, em relação ao colectivo, estendendo-se a formas de vestir e à utilização de acessórios.

O corpo através dos olhos de outros

Se em boa verdade, “*Hoje as inscrições corporais (...)*”, argumenta Vítor Sérgio Ferreira – “*(...) circulam e exibem-se discreta ou ostentatoriamente pelas ruas, escolas, praias e lugares nocturnos*” (Ferreira, 2004: 84), de que forma é que pode ser incorporado pelos detentores das mesmas e de que forma se encontra, ou não, implícito na forma como utilizam a sua imagem exterior na relação com diferentes esferas do social:

“Querida mostrar a todo o mundo, cortava as t-shirts todas!” – Luís Gustavo (tatuador), 21 anos, nascido no Panamá e residente em Odivelas

“Mesmo na praia e tudo, lembro-me que de certa forma era um bocado estranho [mostrar a sua primeira tatuagem]. Que *chunga* que era ter uma tatuagem no peito! [risos]” – Cátia (recepcionista de um estúdio de tatuagem e *body-piercing*), 28 anos, nascida e residente em Cascais

“Não senti grandes alterações com a primeira tatuagem mas senti a partir do momento que fiz a segunda tatuagem. Algumas pessoas começaram a identificar-se comigo. Os meus amigos diziam para exibir a tatuagem por causa do que ela representava na altura.” – Pedro (cliente), 38 anos, residente em Cascais

Neste último testemunho, o corpo tatuado surge como um campo “partilhado” entre o seu detentor e as pessoas que o rodeiam – família, amigos, colegas –, e que prolongam esse corpo como se do seu se tratasse. Alguns, embora não se revejam num físico tatuado, aprovam e apoiam a ideia:

“(…) A tatuagem disseram “pá, é bonito!”. Os meus pais são muito liberais (...) sempre tive muita liberdade, mesmo quando morava com eles. [Os amigos] uns gostaram muito, outros me acharam meio maluco, mas minha família sempre

me apoiou muito e isso é que é o importante.” – Luís Gustavo (tatuador), 21 anos, nascido no Panamá e residente em Odivelas

“Os meus pais sabiam. O meu pai disse-me que devia ter feito maior, a minha mãe a partir da segunda, deixou de achar piada. Não houve choque, não houve problema nenhum. A segunda tatuagem, só avisei quando cheguei a casa e o meu pai vira-se logo: “ih deixa-me ver!”. A minha mãe: “Ai, que já estragaste a outra tatuagem que era tão bonita.” – Pedro P. (cliente), 25 anos, residente em Mafra

Por outro lado, outros desapropriam-se desse corpo e atribuem total responsabilidade quanto às suas consequências ao sujeito que a faz:

“ [Os familiares] Estão um pouco indiferentes (...), a minha mãe disse-me que era o meu corpo e se me arrependesse, era comigo. Estão mais numa de curiosidade.” – Diana (cliente), 23 anos, nascida nas Caldas da Rainha e residente em Bradford

No reverso da moeda, está a percepção desse corpo pela sociedade em geral, à qual o exterior é a única informação que dão sobre si, actuando como um cartão-de-visita que atrai uns ou repele outros:

“Eu a partir do momento em que saio de casa e vou para a estação, sei que as pessoas me olham no sentido de “ai que piada, todos os dias uma fatiota nova.” – Cátia (recepcionista de um estúdio de tatuagem e *body-piercing*), 28 anos, nascida e residente em Cascais

Enquanto admiradores de tatuagem, seria compreensível caso existisse identificação com outras pessoas que também se revêem nesse tipo de universo. A isso, Bourdieu definiu enquanto o *poder simbólico*, na medida em que o *capital simbólico* é responsável pelo reconhecimento entre “iguais” (Neville, 2005: 49):

“Eu se não tivesse tatuagens, ao ver um rapaz tatuado... chamar-me-ia a atenção. É uma coisa que me chama a atenção.” – Cátia (recepcionista de um estúdio de tatuagem e *body-piercing*), 28 anos, nascida e residente em Cascais

“Pode-se dizer que tive um sentimento de identificação [com as pessoas que as possuíam] (...), a partir do momento em que comecei a tatuar-me e talvez por isso, fiquei com vontade de fazer mais”. – Pedro (cliente), 38 anos, residente em Cascais

Contudo, ainda que a tatuagem possa assumir um papel importante nos gostos do indivíduo, pode não ser entendida por este como um sinal de conexão com outras pessoas unicamente em função dessa característica em comum:

“Isso a mim não me diz nada (...) a mim o que conta são as boas pessoas com bons sentimentos. Se não for uma boa pessoa, não me interessa. Eu tenho o meu mundo, eu tenho o meu microcosmo e é nesse que ando e para mim só me interessam aquelas pessoas que me dizem alguma coisa.” – Patrícia (cliente), 28 anos, nascida no Porto e residente em Cascais

Para quem investe no seu corpo, é relevante perceber qual o seu parecer em relação a padrões estéticos específicos actuais e a massificação dos mesmos. As opiniões dividem-se entre aqueles que consideram que a aparência por si só não determina as capacidades profissionais ou a personalidade, e aqueles que, podendo considerar ou não o mesmo, consideram que a aparência é um factor relevante nas relações sociais e profissionais:

“Claro, a aparência não deixará nunca de ser importante. A sociedade é cada vez mais exigente mas também acho que está aceitando cada vez mais a diferença.” – Simone C. (tatuadora), 28 anos, nascida no Brasil e residente em Portugal

“A imagem é muito importante, senão não ligávamos a televisão e elas não estavam lá todas embonecadas. A imagem vale muito na sociedade em que vivemos.” – Patrícia (cliente), 28 anos, nascida no Porto e residente em Cascais

“Toda a gente quer ser mais bonita. Nunca ouvi ninguém dizer “pá, queria ser mais feio!”. Por isso é que as mulheres cortam o cabelo, vestem coisas diferentes. Por que é que os homens hoje em dia fazem mais coisas dessas como as mulheres?” – Pedro P. (cliente), 25 anos, residente em Mafra

“Não dou muita importância ao visual (...), a educação é a chave. Carácter é que é.” – Carlos César (tatuador), 27 anos, nascido no Pernambuco e residente em Massamá

“A imagem é importante, mesmo no trabalho e tudo. Tens de ter uma certa apresentação para as pessoas te aceitarem, não é? Quer dizer, não é aceitar mas para te levarem a sério, também por isso ter escolhido este sítio [tatuagem no ombro]. É um sítio onde não se vê tanto se tiveres de te vestir formalmente.” – Diana (cliente), 23 anos, nascida nas Caldas da Rainha e residente em Bradford

Para testar a interferência que uma tatuagem pode ter na vida futura, o primeiro projecto é tendencialmente um “ensaio” e enquanto tal, pretende-se que seja algo de dimensões reduzidas e de carácter simples. Assim, pode ser criada uma habituação com a renovada aparência, ao mesmo tempo que a novidade acaba por não ser tão excessiva para as pessoas que a conhecem:

“Escolhi uma zona discreta, meio pequenina. Tinha quinze anos.” – Cátia (receptionista de um estúdio de tatuagem e *body-piercing*), 28 anos, nascida e residente em Cascais

Por vezes, o impulso do momento, as circunstâncias da vida ou a deterioração da qualidade transfiguram essa mesma inscrição em arrependimento. Nesse acaso, existem três possibilidades quanto ao seu futuro: a remoção através de sessões contínuas a laser, que ao quebrarem o pigmento, o desenho é clareado gradualmente; um *cover-up*, um desenho aplicado por cima da antiga tatuagem e que é planeado com a finalidade de a dissimular; ou em último caso, assumir a sua existência como uma recordação afectuosa ou como a lembrança de algo que existiu outrora mas que já não existe, para que não seja repetido:

“Não é que me arrependa [da primeira tatuagem], sinto-me bem com todas as tatuagens (...) mas era muito novo.” – Luís Gustavo (tatuador), 21 anos, nascido no Panamá e residente em Odivelas

“ [Fez a primeira tatuagem quando tinha 13 anos] Mas acabei por cobrir essa tatuagem. Já não tinha razão de existir.” – Pedro (cliente), 38 anos, residente em Cascais

“Entretanto como fui fazendo mais... mas não foi uma coisa muito pensada. Não digo que me arrependesse, mas se fosse hoje tinha pensado melhor.” – Cátia (recepcionista de um estúdio de tatuagem e *body-piercing*), 28 Anos, nascida e residente em Cascais

Distinguir aquilo que é discriminar do simples olhar é algo bastante relativo já que difere não só entre sociedades, como de determinados contextos ou até de um estado de espírito. Os actos discriminatórios são compreendidos como reacções ofensivas, verbais ou físicas, de um indivíduo em relação ao outro. São fundamentadas com base nos aspectos físicos, de pertença a um grupo ou colectivo, género, orientação sexual, nacionalidade, ideologia política e social, crenças religiosas, entre outros denominadores.

“Bourdieu sustenta que os agentes e instituições dominantes tendem a inculcar a cultura dominante, de modo a reproduzir o habitus, as desigualdades sociais, nas maneiras de falar, de trabalhar, de julgar (...) Para ele, a família, a escola, o meio não só reproduzem as desigualdades sociais, como legitimam inconscientemente essa reprodução (Thiry-Cherques, 2006: 38). Portanto, o vínculo entre os usos do corpo e aquilo que é a “ideologia de classe propriamente dita “ (Velho, 1987. p. 117), faz-se sentir na interferência do Estado na vida dos cidadãos, podendo actuar de forma “repressiva”; de consolidação da “consciência moral individual e dos cidadãos” ou “reclamando a colaboração de médicos e educadores, reunidos para justificar, sob o ponto de vista teórico, a homogeneização das condutas” (Crespo, 1990: 8).

É-nos possível desta forma estabelecer um elo de comparação entre a tatuagem e qualquer outro fenómeno ocorrido em sociedade, no sentido em que se encontram

implícitos factores que determinam interacções entre indivíduos, como a identificação ou a discriminação.

Alguns dos entrevistados afirmaram já terem sentido um comportamento discriminatório verbal. Outros que não o tenham sentido, encaram-no como uma curiosidade não mal-intencionada, própria do ser humano quando se depara com a diferença. Ao surgir no diálogo, algumas das respostas foram-me dadas com reserva. A hesitação sentia-se, bem como o desconforto e a rapidez com que o assunto terminava deram a entender que não era algo do qual quisessem falar. Outros casos houve em que a situação foi ridicularizada e aceite como um acto “normal”, que não lhes parecia incomodar, ou pelo menos *já não* incomodava:

“Nunca me senti discriminado. Já me olharam de lado mas não (...), tenho a sorte de ter um trabalho muito bem feito no braço!” – Pedro P. (cliente), 25 anos, residente em Mafra

“É uma questão de diferença mas não negativa. As pessoas, se calhar, conhecem-me a mim e ficam “hum, se calhar pessoas tatuadas não são todas marginais.”. Os tais abusos às vezes também ligam as coisas (...), é que eu também tenho um ar minimamente normal, não acho que tenha um ar de psicopata, (...) mas é na onda dos 20, 25 anos que noto mais aquela coisa do “ai que horror!” – Cátia (recepcionista de um estúdio de tatuagem e *body-piercing*), 28 anos, nascida e residente em Cascais

Todavia, dentro de uma mesma cidade existem espaços ou ambientes específicos que se revelam mais propícios a críticas em comparação a outros. O pretexto “ter tatuagens” – ou qualquer outro apontamento estético –, é utilizado por quem desaprova tal manifestação, sendo por vezes proferido em situações descontextualizadas ou não justificadas. Nos casos analisados, esses actos provocatórios permaneceram-se apenas no registo de ataques verbais ou comportamentais:

“No Cais Sodré, onde apanhas um bocadinho de tudo (...), passar ali com este ar é um bocado mais agressivo. Acabas sempre por ouvir uma boquinha ou

outra.” – Cátia (recepcionista de um estúdio de tatuagem e *body-piercing*), 28 anos, nascida e residente em Cascais

“Já fui discriminada sim, no autocarro. Quando estava grávida, um homem olhou para mim, viu minhas tatuagens e não me deixou sentar. Outra vez foi numa loja de roupa, em que perguntaram que crimes tinha cometido.” – Simone C. (tatuadora), 28 anos, nascida no Brasil e residente em Portugal

O corpo pode ser compreendido como um legado comum entre o seu detentor e tudo o universo que o rodeia. É amplamente condicionado pelos padrões culturais vigentes, ainda que possa ser considerado enquanto “livre”. Com maior ou menor consciência disso, os indivíduos regulam as suas performances sociais com base nos preceitos subjacentes à lógica da sua comunidade.

Nesse sentido, a linguagem corporal consiste numa simbiose entre a exteriorização de sentimentos, vontades e impulsos individuais com as condicionantes responsáveis pelo controlo dos comportamentos pessoais em comunidade. Porém, quando existe a vontade em transparecer algo, sem que para isso sejam utilizadas palavras, o indivíduo promove os seus gostos através das actividades que realiza, onde a modificação corporal consiste dessa partilha com o “outro”. A apropriação do corpo através da sua mudança deliberada manifesta paralelamente o ideal corporal que cada um tem para o corpo que possui mas também os limites que impõe a essa mesma transformação. Por esta razão, foi frequente dialogar com entrevistados que vindicavam a posse da tatuagem ou do *piercing* – ou de outras experiências nos restantes domínios da modificação corporal – admitindo contudo que havia um limite na alteração do visual que não queriam ultrapassar, prendendo-se por questões pessoais de gosto ou pela importância conferida com uma determinada imagem, tanto no trabalho como nas relações que daí poderiam surgir. Outros testemunhos demonstram que não há pretensão em colidir com o que a sociedade não considera ser o minimamente aceitável.

A desistência ou arrependimento das práticas experienciadas, é reconhecido enquanto uma mudança pessoal ou em função de motivos exteriores, que leva o indivíduo a reconsiderar a forma como se apresenta fisicamente. As vivências, os relacionamentos íntimos, sociais ou laborais, podem orientar alguém num sentido que não se coadune com a utilização destes elementos de adorno visual, embora a

desistência possa ser igualmente resultado de desmotivações exteriores, como a discriminação. A posição perante esta é assumida enquanto uma atitude de confronto ou de passividade. Na primeira situação, a resposta à provocação pode ser igualmente verbal ou física, já a segunda situação, o indivíduo opta por ignorar o insulto a seu respeito. Em contextos de ataque corporal, a menos que este exceda os limites da sua tolerância o indivíduo prefere manter uma posição pacífica de forma a evitar confrontos mais graves.

CAPÍTULO IV: *Fazer uma tatuagem*

Da possibilidade à certeza

Até ao acto de se sentar na cadeira do tatuador, a decisão do sujeito em assumir um compromisso que durará para o resto da sua vida pode ser fruto de um mero impulso como pode ser objecto de um projecto extremamente ponderado.

Por vezes esta é assumida com maior determinação a partir do momento em que trocam impressões com o tatuador, ou quando vêm o desenho que este lhe sugere ou que tenha desenhado exclusivamente para aquele pedido. Contudo, o oposto também acontece.

Muitos foram os casos em que a certeza virou dúvida, e eis que a dúvida virou a certeza de que *não* iriam cometer tal acto. E a que se deve tal mudança de ideias? São várias as pessoas que vão com um orçamento já em mente, ou com um limite para gastar e quando esse valor é ultrapassado, a tatuagem assume uma posição secundária em que se ponderam melhor quais as prioridades para a aplicação daquele dinheiro.

Curiosamente, algumas observações foram ilustrativas do seguinte facto: quando um possível cliente entra no estúdio determinado em fazer um trabalho, mas acabando por não efectuar uma marcação, isto sucedia não necessariamente por uma questão monetária, muito menos por uma falta de vontade demonstrada, mas sim por se fazer acompanhar de outra pessoa. Isto porque o amigo, familiar, colega, assume em muitos casos um papel determinante em apoiar ou desencorajar o cliente, como se de uma “voz da razão” se tratasse. Assim, aconselha a ponderação sobre o assunto, relembrando que é “para sempre”. Contudo, quando chegam ao estúdio enquanto

dois potenciais clientes – ou um grupo –, o espírito colectivo torna a decisão mais entusiasta, tanto que o processo de escolha e marcação acaba por ser mais acelerado.

Ainda que a associação entre “jovens” e “ tatuagens” não seja de todo incorrecta – apareceram de facto alguns clientes jovens para fazer trabalhos –, neste estudo não me seria viável enveredar exclusivamente por esse trajecto, por duas razões: primeiramente, adiantaria pouco ao trabalho já feito por outros pesquisadores mais experientes nessa área e tornaria a minha pesquisa uma mera adição de dados ao que já foi trabalhado. Depois do que se pode averiguar, esses jovens representavam apenas uma pequena parcela da clientela deste estúdio de tatuagem. A verdade é que os jovens assumiam uma postura bastante distinta em relação às tatuagens em comparação com os adultos.

Esse grupo de indivíduos com idades compreendidas sensivelmente entre os 16 e os 29 anos de idade²⁵, entrava na loja mais para satisfazer a curiosidade, perguntando preços e vendo catálogos de desenhos. Quando decidiam a fazer um trabalho, este não comprometia um vasto espaço da derme. Esta manifestação é assim contrastante com a de indivíduos de idade superior, que ao levarem prontamente consigo uma ideia mais específica do pretendido, a marcação do trabalho era feita frequentemente logo na primeira ou na segunda conversa com o tatuador. Isto poderá ser compreendido à luz de múltiplos factores, considerando contudo que os principais fossem a disponibilidade económica e a aprovação por parte dos encarregados de educação desses jovens. Relativamente às diferenças entre género, diriam respeito à escolha do sítio onde seria feita a tatuagem e não tanto à comparação entre quem efectuava o maior número de trabalhos. Os homens optavam por projectos relacionados com o estilo *oriental* ou o *tribal*, outros optam por nomes próprios ou caracteres japoneses. As mulheres preferiam apontamentos mais personalizados como um desenho seu, uma flor escolhida do catálogo à qual trocam a cor e elementos do desenho, concedendo um toque mais *seu* à tatuagem.

Motivações, influências e gostos

As modificações corporais podem actuar em duas direcções: a imagem exterior assume a exteriorização da personalidade do indivíduo ou contrariamente, o

²⁵ Limites etários referidos anteriormente no subcapítulo *História da Tatuagem*.

que provém do exterior – *media*, tendências, pares – é moldado enquanto parte integrante do seu carácter: “*A formação de identidade como um processo de identificação é um movimento espacialmente situado, em que o jogo de interações, as estruturas produtoras de situações e suas complexidades topológicas criam o espaço e suas novas configurações subjectivas*” (Almeida, 2003:116). Considero contudo que cada sujeito é uma mistura de ambas, a diferença somente na forma como cada um encara essa orientação.

De grande dimensão ou de tamanho reduzido, a tatuagem é resultado de um histórico pessoal que se quer immortalizar no órgão mais extenso, visível e imediato do corpo humano.

Os testemunhos analisados neste capítulo terão sido a resposta ao meu mote inicial para a investigação ainda quando esta se encontrava na sua fase mais embrionária: admitindo a não-passividade do indivíduo perante as influências exteriores (Giddens, 1991: 9), quais os factores sociais, políticos e económicos que levam uma pessoa a querer fazer uma tatuagem; qual a experiência, ou experiências, que marcam tão significativamente alguém; que tendência de moda, corrente de pensamento, forma de ver o mundo ou gosto artístico a orientam em tal sentido.

A tatuagem por si só não existe, só adquire significado quando se faz acompanhar de um “corpo”, tal como uma tradição não é tradição se não existirem em si as pessoas, os objectos, as performances. Sem um contexto, perde-se o nexos, reconhecendo-se unicamente a sua “forma”, aquilo que os olhos vêm mas não *observam*:

“ Para mim, as tatuagens simbolizam uma paz de espírito para marcar uma etapa decisiva na minha vida. Precisei de sair de um universo um bocado nervoso em que andava, elevei para um patamar acima, onde precisei de atingir a calma.” – Pedro P. (cliente), 25 anos, residente em Mafra

Vontades individuais ou adesão a tendências

De onde surge a curiosidade pela modificação corporal; qual ou quais os responsáveis por tal intencionalidade e como é que essa se manifesta?

A maior parte da experimentação corporal, social e cultural, ocorre na adolescência. A constante renovação da aparência é também produto dessa fase, onde jovens procuram encontrar uma identidade e cimentá-la enquanto a sua personalidade:

“Na adolescência, era a fase em que tinha o *piercing* no nariz, escondia e só punha quando saía de casa (...), sempre fui muito diferente das outras miúdas.”
– Cátia (receptionista de um estúdio de tatuagem e *body-piercing*), 28 Anos, nascida e residente em Cascais

“Fiz a primeira tatuagem com o intuito de ser um símbolo de unidade com os restantes rapazes, mas também por ter sido um símbolo de virilidade exibíamos entre nós.” – Pedro (cliente), 38 anos, Residente em Cascais

“Calhou uma colega minha de escola ir fazer, achei fixe a ideia e naquela época ainda não tinha o sentido de arte em si (...), não tinha noção, queria fazer porque sim.” – Luís Gustavo (tatuador), 21 anos, nascido no Panamá e residente em Odivelas

Por vezes, essa vontade parte de uma postura insubmissa em relação aos pais ou à interpretação feita à sociedade e aos padrões que esta proclama como seus: “(...) *marcar a pele enquanto empreendimento em contextos juvenis, é descrito nas narrativas dos jovens entrevistados como decorrente de um traço de personalidade com o que se identificam e que lhes é socialmente reconhecido, a rebeldia*” (Ferreira. 2007:298). Não se trata apenas de fugir à norma mas de ostentar no seu corpo o distintivo desse mesmo facto, manifestando-o entre os seus pares:

“Sempre fui meio *maria-rapaz*, fui criada na fazenda até aos oito anos, até sair e morar na cidade na casa da minha mãe. Ai, eu era uma adolescente revoltada, sempre me dei mais com rapazes. Fiz a primeira tatuagem aos 14 anos e foi um amigo meu que fez. ” - Simone C. (tatuadora), 28 anos, nascida no Brasil e residente em Portugal

Ainda quando a curiosidade surge mais tarde, as razões que motivam tal vontade mantêm-se em grande medida aquelas que fundamentam as escolhas das camadas mais jovens. Todavia, diria que no segundo caso há uma maior convicção e firmeza nessa tomada de decisão sustentadas pelo posicionamento no mundo que o indivíduo conquistara na sua vida pessoal, profissional e social:

“O interesse pelas tatuagens foi algo que partiu do interesse do seu companheiro (...) as primeiras tatuagens até foi ele que as fez, porque já se tatuava desde os 13 anos, manualmente com agulhas. Eu gostava, mas no fundo, era um mundo que me estava à parte. Saí de casa aos 24 anos e a partir daí a minha vida mudou muito. Estava na faculdade e tive de me integrar em termos de trabalho e isso passava-me ao lado.” – Patrícia (cliente), 28 anos, nascida no Porto e residente em Lisboa

“Já ando a pensar nisto há algum tempo, há um ano talvez. Sempre achei giro, uma maneira de individualizares e de te expressares.” – Diana (cliente), 23 anos, nascida nas Caldas da Rainha e residente em Bradford

Porém, até onde se prolonga o interesse pela impressão corporal: quando é que se atinge o limite e o que o determina? A continuação do projecto corporal é sustentada em vários pressupostos: no caso mais extremo, é concretizada quando o objectivo de “fechar” o corpo, fazer um *body-suit*, é alcançado. Em ocasiões mais recorrentes, os indivíduos continuam a tatuar-se quando existe uma nova motivação ou um novo impulso para o fazerem. Nestes casos, pode ou não seguir o mesmo padrão de tatuagens antecedentes: na eventualidade da primeira tatuagem ter sido de estilo *old school*²⁶, tal não condiciona o estilo do desenho posterior, podendo ser de estilo *realista* ou *oriental*. Contudo, foi uma opção frequente manter o mesmo estilo, ou pelo menos, destinar zonas do corpo distintas para estilos diferentes. Isto remete-nos para a componente estética associada às tatuagens, mesmo quando o seu fundamento seja de ordem afectiva, uma crença, ou um gosto: “*Most of the customers like getting tattooed just for the pleasure of receiving a tattoo*” (Ruscone, 2009: 54).

Pode ser tido como um acto aprazível, que merece ser repetido e vivido novamente, quer seja pelo entusiasmo de ter um novo adorno corporal, pela experiência ritualista de um antes e de um depois:

“Continuo a fazer por gosto ou por vício, e enquanto for vivo e houver vício, vou fazendo. Quando não tiver mais corpo, continuo a tatuar-me na cara.” – Pedro (cliente), 38 anos, residente em Cascais

²⁶ As tatuagens *old school* remetem aos desenhos tradicionais feitos nos E.U.A, rondando a década de 20, relembrando os motivos que eram feitos nos marinheiros.

“Se eu pudesse era todo tatuado, todo, todo, todo tatuado [risos]! Eu gosto de me ver tatuado.” - Luís Gustavo (tatuador), 21 Anos, nascido no Panamá e residente em Odivelas

No desenvolver do diálogo, procurei saber junto dos entrevistados as razões pelas quais decidiram finalmente fazer uma primeira tatuagem:

“Eu tinha os meus quinze anos, nesse Verão. Fui trabalhar para ganhar o meu dinheirinho e como moro numa zona de praia, via as tatuagens. Não víamos as tatuagens que vemos hoje, essas são autênticos monumentos (...) A tatuagem que me levou a dizer: “Eu quero fazer uma!”, era a de um senhor com uns bons cinquenta anos (...) e tinha uma rosa lindíssima no peito a preto e branco. E eu lembro-me de ter olhado para aquilo e dito que queria uma daquelas!” – Cátia (recepcionista de um estúdio de tatuagem e *body-piercing*), 28 Anos, nascida e residente em Cascais

Em *Padrões de Cultura* (1934) Ruth Benedict argumenta que “*Cada interesse particular de um homem ou de uma mulher é servido pelo enriquecimento das reservas tradicionais da sua civilização*” (Benedict, 1934: 276), logo, será possível dissociar aqueles que serão os factores pessoais dos factores colectivos? Como se distinguem vontades individuais de tendências, quando os padrões culturais e sociais se encontram em constante mudança desfocando os limites entre o pessoal e o colectivo:

“Sempre fiz um esforço para fugir aquilo a que chamas moda.” – Pedro P. (cliente), 25 anos, residente em Mafra

“Não tenho estilo certo. Gosto de seguir um bocado a moda.” – Luís Gustavo (tatuador), 21 anos, Nascido no Panamá e residente em Odivelas

“Não é uma questão de estética porque se for só pela estética, não tem conteúdo, as tatuagens têm uma simbologia muito forte e é por isso que as tattoo. A maior parte das pessoas faz uma [tatuagem] porque aquele tem e é bonito, é uma tendência, uma questão de moda (...), algumas se pensassem no

que estão a fazer depois não tinham os problemas de fazer *cover-up*.” – Patrícia (cliente), 28 anos, nascida no Porto e residente em Lisboa

O carácter da originalidade na tatuagem torna-se cada vez mais incompatível com o número crescente de pessoas adeptas desta modificação corporal. Quando a novidade deixa de existir no desenho, é investida na significação que lhe é atribuída:

“Se formos a ver, há montes de pessoas com coroas ou diamantes [tatuadas], para mim foi mesmo uma homenagem ao meu pai e à minha mãe. Mesmo dentro de um cliché (...), procuro bem aprofundar e estudar a ideia.” – Cátia (recepcionista de um estúdio de tatuagem e *body-piercing*), 28 anos, nascida e residente em Cascais

Em todas as esferas da dinâmica social, existem condicionantes que terão orientado os entrevistados a agir num determinado sentido ou a assumir uma dada postura perante um qualquer contexto. Quando essas motivações se direccionam para o campo da modificação corporal, encontram-se implícitas na aspiração à demarcação do colectivo pela diferença ou pela identificação com este.

O “ser-se original” contrasta com o “ser-se igual”, acabando paradoxalmente por ter um mesmo resultado. Porém, o mesmo sujeito pode ter presente em si ambas os posicionamentos, uma vez que a primeira tatuagem realizada pode simbolizar uma união com algo ou alguém mas os trabalhos posteriores assumem já uma individualização perante esse colectivo.

CAPÍTULO V: *Tatuagem justificada*

Como a tatuagem é compreendida e explicada pelos que a possuem

A pergunta acabava muitas das vezes por ser respondida entre sorrisos, como se estivessem não só a lembrar como a reviver todo o momento, principalmente em relação à primeira tatuagem. Entre aqueles que fizeram para contrariar os pais, encontravam-se outros que a fizeram para criar uma ligação mais profunda com amigos, outros com familiares ou companheiros. As justificações por detrás da decisão são muitas, tantas que por vezes nem os próprios são capazes de as

reconhecer a menos que seja sugerido que o façam: “*Tattoo can mark victory or defeat. Can express joy or sorrow, or can be a part of a ceremony or a ritual accompanied by mantas, song and dance. (...) may express pleasure, sadism, torture or superstition*” (Schiffmacher. 2001:67).

Quando questionados sobre o impacto que a tatuagem tem na sua vida, parte dos entrevistados não sustenta a ideia de que esta sofreu uma mudança considerável, outros encaram a tatuagem de tal forma uma característica integrante da sua personalidade, que serem tatuados faz para si “sentido”:

“Para mim é um ritual de passagem e aceitação. De dia para dia, de tatuagem para tatuagem, cada uma delas vai com um sentido diferente (...), hoje em dia tento marcar momentos da minha vida com tatuagens.” – Cátia (recepcionista de um estúdio de tatuagem e *body-piercing*), 28 anos, nascida e residente em Cascais

“É uma coisa para a vida e as pessoas têm de assumir. É uma parte de mim!” – Patrícia (cliente), 28 anos, nascida no Porto e residente em Lisboa

“As tatuagens são um marco, um fechar parênteses. As tatuagens são sempre para marcar algo histórico em mim (...) e se hoje podem ser marcadas de uma forma segura, porque não?” – Pedro P. (cliente), 25 anos, residente em Mafra

A imagem da tatuagem nas cidades ocidentais urbanas

Despoletada pela massificação ocorrida nas últimas três décadas, a tatuagem acabou por se converter num fenómeno rotineiramente mencionado na comunicação social, onde tem sido debatida a partir de um ponto de vista médico²⁷, passando por documentários no sentido de informar a audiência sobre as diferentes realidades culturais da prática, ou ainda uma abordagem mais *ligeira* quando as tatuagens retratadas a partir de um ponto de vista mais lúdico:

“Gosto de programas como o Miami Ink (...), até a minha mãe vê [risos].” – Diana (cliente), 23 anos, Nascida nas Caldas da Rainha, residente em Bradford

²⁷ Envolvendo questões ligadas à saúde pública: higiene dos estabelecimentos, cuidados a ter com determinados produtos, possíveis alergias ou infecções, entre outros.

“Sei que existem alguns programas, mas não posso falar porque não conheço (...), mas sei que são feitos nos Estados Unidos e o que chega cá de fora, já há muito que existe lá. As tatuagens para eles já estão enraizadas. (...) É o eterno retorno ao mesmo, como dizia Kant.” – Patrícia (cliente), 28 anos, nascida no Porto e residente em Lisboa

Ainda que possa assumir contornos frívolos para alguns, cujo carácter pode ser entendido como descomprometido de grandes significações, a tatuagem vista como uma *tendência* actual – presente em campanhas publicitárias e como imagem de reconhecidas marcas –, é interpretada como uma tentativa de identificação com algo que de outra forma, não seria possível relacionar-se:

“A televisão é má influência. Os jovens aqui [em Portugal]... a televisão tá acabando com a galerinha, parecem todos iguais. A *media* é a principal responsável.” – Carlos César (tatuador), 27 anos, nascido em Pernambuco e residente em Massamá

A aparência é recorrentemente referida ao falarem-se de tatuagens. Ainda que estas sejam mencionadas com maior regularidade, a sua aceitação generalizada enquanto um apontamento estético tem ainda um longo caminho a percorrer:

“Há pessoas que tatuam sinais. Já vi um casal que tatuou uma aliança no dedo. Isso faz parte da aparência, agora se é aceite ou não por toda a comunidade, isso são pormenores e coisas que devem ser vistas pelas pessoas à tua volta (...), sobre as tatuagens, o mundo hoje em dia ainda não está preparado para receber as tatuagens de braços abertos.” – Pedro P. (cliente), 25 anos, residente em Mafra

Porém, gera-se um contra-senso. Se por um lado as tatuagens são actualmente um produto *mainstream*, acabam por ser entendidas por quem as tem e demonstra uma forte afectividade pelas mesmas como se tivessem perdido com isso o que seria a sua essência. “*Se a ideologia ocidental do corpo natural e imaculado, em grande medida produzida e regulada a partir de instituições sociais do foro médico e religioso,*

sempre interdito este tipo de marcas voluntárias enquanto signos de infâmia e vivência imaculada, o que nos é dado observar, actualmente, é que o seu conteúdo simbólico tende a desdramatizar-se e as suas formas à esteticizarem-se” (Ferreira. 2004: 105). Contudo, enquanto é relembrando o passado quando a dita significação ainda existia, é relembrando também que era objecto de uma maior censura comparativamente ao presente:

“Antigamente quem tinha tatuagem era quase crucificado. (...) Hoje, dá uma imagem diferente. Eu tenho tatuagem e não quer dizer que sou ladrão, que sou um bandido, que uso droga... não tem nada a ver! É uma forma de arte, eu penso assim, tem muita gente que faz tatuagem por fazer, eu faço porque é o que eu gosto.” - Luís Gustavo (tatuador), 21 anos, nascido no Panamá e residente em Odivelas

“Estas questões têm-se tornado mais *fashion*... uma moda. Não é como antigamente, como quando quem tinha uma tatuagem eram os “fortes e os maus”, os marginais e reclusos, e que a tatuagem era mais uma forma de exteriorizar a virilidade.” – Pedro (cliente), 38 anos e residente em Cascais

“Tendencialmente estamos muito fechados às coisas novas, embora a tatuagem seja secular. E é nisso que eu acho que a comunicação social tem muita influência, nas novas tendências (...), por ser uma questão estética, é que as pessoas as fazem.” – Patrícia (cliente), 28 anos, nascida no Porto e residente em Lisboa

Esta última opinião remete para outra problemática, respeitante ao que os entrevistados entendem como sendo a posição do país e da população em geral perante a tatuagem. Em comparação com outros países, as opiniões dividem-se entre os que vêem Portugal como receptivo às tatuagens e aos *piercings*, e os que o continuam a encarar como retrógrada nesse sentido:

“De todos os países que já visitei, posso dizer que os portugueses são os que mais têm tatuagens (...), no México, as tatuagens que se vêem são todas tribais, todos os mexicanos que as têm, têm origem Maia ou Azteca. Em Cuba, não se

vê tatuagens, na Índia (...) por norma são homens santos, aspiram a uma vida sem bens materiais. Sabes, quando há esse um *boom* de liberdade que nunca tinha tido, [as pessoas] entregam-se de braços abertos à estupidez e fazem tatuagens ridículas. Se eu aparecesse assim no Canadá [extensamente tatuado], não arranjava emprego nenhum porque vão estar sempre hesitantes em receber-me.” – Pedro P. (cliente), 25 anos, residente em Mafra

“Apesar de achar que já são mais aceitáveis em Portugal... em Inglaterra há leis para regular as tatuagens, coisa que falta cá (...) em termos de trabalho, há leis que proíbem que te possam despedir ou não contratar se tiveres tatuagens ou *piercings* (...) é mais aceitável lá [em Inglaterra].” – Diana (cliente), 23 anos, nascida nas Caldas da Rainha e residente em Bradford

“Em França não existem muitos tatuadores franceses dispostos a ensinar aprendizes de tatuador (...), cada artista trabalha por si, não há cooperação como aqui [em Portugal], como com todos [os tatuadores] com quem já trabalhei.” – Fabrízio (tatuador), 44 Anos, residente em Paris, de visita a Portugal

“Eu acredito que Portugal é mais liberal [em relação às tatuagens] do que o Brasil.” – Luís Gustavo (cliente), 21 Anos, Nascido no Panamá e residente em Odivelas

Discussões em torno da designação de “tribos urbanas”

Problematizar o tópico de tribos urbanas junto dos entrevistados revelou ser o momento mais tenso das conversas. Para estes, não foi senão o bater na mesma tecla ao ser discutido algo que já se tornou de tal forma maçador que a hesitação e o suspiro profundo antecederam-se às respostas. Contudo, não considerei não colocar a questão.

José Machado Pais questionou na sua própria análise a *tribos urbanas* se “*Devem as ciências sociais fazer orelha mouca dessas vozes que apregoam etiquetas em tudo o que é realidade? Não me parece (...)*” (Pais, 2004: 12). Adiar a discussão ou ignorar que esta precise de ser feita, não interfere com o facto de a designação continuar ou

não a existir. Tendo isso em consideração, a contra-posição de opiniões entre apoiantes e não apoiantes ao invés da explicação unilateral do termo, seria um meio que se aproximaria mais à realidade efectiva de que o conceito se apropria. Ademais, o debate é igualmente um importante veículo para a compreensão das sociabilidades geradas entre pessoas que podendo ou não identificar-se entre si, partilham um dado aspecto em comum.

O que é entendido por tribos urbanas manifesta-se para alguns uma “catalogação” de cada pessoa que passeia pela rua, que se senta a uma mesa de restaurante, que visita uma exposição ou que frequenta um bar.

Por *classificação* compreenda-se o processo de associação de um elemento a uma categoria específica, mediante as suas características, inserido juntamente com outros elementos semelhantes a si: “*Classifying refers to the cognitive and cultural mechanisms by which this is achieved and classifications are linguistic, mental and other cultural representations (...) Humans classify the world (...) matching perceptual images, words and concepts (Ellen, 1996:103).*”

Roy Ellen (1996) argumenta que as classificações e os processos classificatórios do mundo, não sendo *invenções* de cada um dos sujeitos, são produto da *história* da comunidade, da *transmissão cultural*, da *linguística* e das *extensões metafóricas*, partilhadas com a *experiência social* do sujeito e as suas *práticas cognitivas* (1996:106).

Cada sujeito é assim objecto de análise e da consequente correspondência a um colectivo:

“Acho divertido o facto das pessoas ainda se darem ao trabalho de se catalogarem umas às outras. Se as pessoas se querem aceitar umas às outras, têm de aprender a conviver e serem elas uma só tribo, com pessoas diferentes. O nosso país não quer que existam grupos. Não há o A, ou o B, ou o C. É tudo D. Mas depois tens o D.a., o D.b., o D.c. (...)” - Pedro P. (cliente), 25 anos, residente em Mafra

“O ser humano tem uma grande necessidade de identificação, daí o conceito de tribos urbanas. Existe agora mais, quer dizer, sempre existiu mas com outro nome (...), eu não tenho necessidade, mas acredito cada vez mais que na sociedade actual, começa a ser tão difícil crescer (...). A *Internet* trouxe um

mundo tão amplo que as pessoas perderam-se a si mesmas.” – Patrícia (cliente), 28 anos, nascida no Porto e residente em Lisboa

“Acho que é uma forma de catalogação como a que existia quando eu tinha doze anos, da “geração rasca” e eu agora olho para nós e éramos mais a geração “desenrascada”.” - Cátia (receptionista de um estúdio de tatuagem e *body-piercing*), 28 Anos, nascida e residente em Cascais

A denominação de tribos urbanas remete ao ano de 1987, tendo sido proferida pelo sociólogo francês Michel Maffesoli aquando o seu estudo em torno da conduta de jovens em contexto urbano (Magnani, 2005: 174). Estes organizavam-se em “(...) *pequenos grupos bem delimitados, com regras e costumes particulares, em contraste com o carácter massificado que comumente se atribui ao estilo de vida das grandes cidades*” (Magnani, 2005: 175).

Para as seguintes opiniões, o termo peca pelo carácter homogeneizador que atribuí aos membros identificados como pertencentes a uma mesma *tribo*, onde o ponto comum entre todos resume-os a uma mesma identidade:

“Dentro da própria tribo há subgrupos, é a mentalidade humana e isso não vais conseguir mudar.” Tudo aquilo que é estranho é para rejeitar (...), mas isso acontece em todo o mundo e não se vai endireitar.” – Pedro P. (cliente), 25 anos, residente em Mafra

“Apesar de certas pessoas pensarem de forma semelhante, não vou dizer igual, mas as pessoas são sempre diferentes, não faz sentido colocar um rótulo.” – Diana (cliente), 23 anos, nascida nas Caldas da Rainha e residente em Bradford

“Quando se é diferente, às vezes não se tenta compreender porque é que aquela pessoa é diferente (...), é engraçado ser um bocadinho diferente.” – Cátia (cliente), 28 anos, nascida e residente em Cascais

Le Breton fala da contradição que existe quando o sujeito ao criar uma nova identidade através da diferença, acaba somente por se encaixar num outro colectivo: “*Mostrando a sua marca o individuo tende a apagar-se, enquanto pessoa singular para doravante existir como «tatuado» ou «com piercing», quer dizer classificado*

numa categoria à priori que se torna de facto uma categoria moral.” (Le Breton. 2004:151), embora a participação no colectivo possa não ser assumida:

“Sempre tive amigos mas os meus amigos não eram como eu. Nunca tive necessidade de pertencer a um grupo, assumi-me sempre individualmente. Nisso tenho uma personalidade muito vincada. Nós só temos uma vida e nós temos que nos assumir a nós mesmos como somos, senão somos infelizes (...), se as pessoas não se assumem, andam perdidas e a maior parte das pessoas são infelizes.” – Patrícia (cliente), 28 anos, nascida no Porto e residente em Lisboa

As tribos urbanas não são reconhecidas como algo novo, apenas como algo renovado ao manter as mesmas particularidades naquela que é a organização do panorama social. Em Portugal, a década de 80 foi favorável a sua expansão, motivada pelo clima de procura identitária e de reconhecimento em determinadas posturas na sociedade (Ferreira, 2007: 312).

Dadas as directrizes repressivas e conservadoras do Estado Novo que vigorou em Portugal até 1974, o país recebeu tardiamente influências exteriores o que resultou num atraso a inúmeros níveis. Contudo, quando as janelas de oportunidades começaram a vislumbrar-se com o fim desse período, os portugueses voltaram atenções para si próprios (Crespo 1990:10), deixando-se submergir de informação dos mais diversos âmbitos e proveniências:

“Acho que a designação de tribos urbanas tende a rotular as pessoas. Houve uma fusão dessas tribos e já não há uma forma específica de vestir. (...) Talvez fizesse mais sentido na década de 80 em que se considerava aquilo a que eram chamados os *punks* e os góticos. Hoje em dia é difícil separares isso porque não existe uma forma específica das pessoas se vestirem. Aquilo que as pessoas são não transparece pela roupa ou estilo.” – Pedro (cliente), 38 anos, residente em Cascais

“Desde que o Homem é Homem e vive em civilização, que existem essas tribos urbanas (...), a única questão é que lhe damos nomes diferentes. Até que ponto é que nós estamos cientes e nos damos ao trabalho de compreender e aceitar e saber conviver? (...) Mas sem dúvida que as tribos urbanas existem, à medida

que o tempo passa, vão surgindo novas tribos urbanas. Quando me perguntam assim: “Então, mas tu és o quê? *Rockabilly*?” “Não, eu sou a Cátia!” – Cátia, (recepcionista de um estúdio de tatuagem e *body-piercing*), 28 anos, nascida e residente em Cascais

A representação da tatuagem para os indivíduos é essencialmente, a representação que cada um lhe quis conceder, podendo ser o registo de um feito de sucesso ou a lembrança permanente de um momento positivo ou negativo, que o indivíduo pretende manter presente durante o resto da sua vida. É executada quando o momento é ultrapassado ou enquanto parte integrante desse processo.

Actualmente, a tatuagem foi adoptada pelas sociedades ocidentais contemporâneas enquanto um mecanismo viável nesse exercício, daí a sua expansão nas últimas décadas.

A frequência com que tatuagens e *piercings* são hoje referidos e popularizados pelos *media*, impulsiona um maior número de sujeitos a aderir ao fenómeno. Comparativamente a outros países, os entrevistados dividem-se entre os que consideram que Portugal tornou-se bastante tolerável ao fenómeno enquanto outros reconhecem uma relativa tolerância, referindo porém, outros contextos onde os direitos laborais concedidos a pessoas com e sem tatuagens ou *piercings* são exactamente os mesmos, encontrando-se legalmente definidos dessa forma.

Finalmente, a temática das tribos urbanas com o qual foi encerrado o diálogo com a comunidade entrevistada, revelou-se uma discussão acesa ao se referir a um tópico que desperta a sua indignação para com os critérios de “inventariação” que a comunidade exerce sobre os seus elementos. É tido como redutor definir toda a existência de um sujeito a uma particularidade da sua conduta, trajecto de vida ou traço de personalidade.

Actualmente, o termo não constitui uma novidade ao ser repetidamente associado pela comunicação social a questões de aparência e modos de vida, usado para se referir a um “grupo”, seja de adeptos da modificação corporal, de praticantes de skate, de músicos de *hip-hop*, de adeptos de *surf*, entre tantos outros.

Ainda que os entrevistados não se reveja nas características que constituem o termo, existe quem o defenda e o adopte para si e para a “sua tribo”, enquanto unificador de uma identidade da qual têm orgulho em assumir e evidenciar. A existência de um

vocábulo próprio e reconhecido pela comunidade concede a esses sujeitos um sentimento de coesão e fortificação dos laços sociais dentro do grupo.

Conclusão

Este ensaio é o resultado de um projecto que se pode dividir em duas etapas sequentes: a primeira, relacionada com a *observação participante*, compreende a recolha de dados visuais e orais constituintes do espaço e referentes aos indivíduos que aí circularam. A segunda envolve uma *reflexão metodológica* em torno do observado, com a finalidade de depreender desse contexto os símbolos que aí se geram, bem como a sua interpretação e apropriação por parte do sujeito na relação consigo próprio e com outros.

Após seis meses de presença diária no terreno físico e metafórico que constitui este estúdio de tatuagem e *body-piercing*, acredito que os objectivos principais da observação tenham sido atingidos.

A examinação do espaço partiu de uma abordagem mais ampla aos elementos que se combinam no quotidiano “habitual” da *Família Amorim Tattoo*, como a organização e gestão do espaço, limpeza, manuseamento dos materiais e todos os processos inerentes à execução da tatuagem.

Em relação à adesão por parte de clientes, foi elaborada uma estimativa com base em meses do ano, dias de semana e horários que permitiram a construção de padrões elucidativos da preferência por meses de Inverno e horários pós-laborais na visita ao estabelecimento. Já em termos de público, os jovens – 16 aos 29 anos – deslocam-se ao espaço com a finalidade de satisfazer a curiosidade em relação às tatuagens e aos seus preços ou para fazer trabalhos de *piercing*. A faixa etária que compreende idades superiores caracteriza-se por indivíduos mais direccionados para trabalhos de *tatuagem*, e cujas decisões são assumidas com maior determinação quando comparadas com as dos jovens que efectuam o mesmo tipo de trabalho.

Posteriormente, foram contempladas as interacções entre cliente e tatuador, a partir da sua duração e índole. Neste período, a participação baseou-se exclusivamente na constatação dos acontecimentos, sem a interacção com qualquer um dos clientes, avaliando dessa forma qual seria a melhor forma de os abordar posteriormente.

Seguiu-se a orientação da observação para um domínio mais concreto, após considerar que os dados recolhidos até então se mostravam suficientes para constituir uma amostra exemplificativa da realidade vivida neste estabelecimento.

A constituição da segunda etapa da pesquisa foi sustentada pela participação de onze entrevistados, incluindo profissionais do meio e clientes assíduos do estúdio. Tratando-se de uma análise qualitativa, a restrição por uma amostra desta dimensão permitiu aprofundar a conversa tida com cada uma das pessoas entrevistadas, prolongando os seus limites.

A flexibilidade nos critérios de selecção da amostra – incorporando ambos os géneros, diferentes faixas etárias, profissões e graus de escolaridade – concedeu à investigação uma vasta noção de diversidade cultural existente na cidade de Lisboa. A partir do suporte de um guião de entrevista – um para profissionais, outro para clientes – foram exprimidos os pontos de vista dos indivíduos sobre as temáticas debatidas, com base no que terá sido o seu percurso de vida, experiências pessoais e relacionais.

As conversas iniciaram-se pela ligação que detêm com a cidade de Lisboa e com as suas estruturas sociais, políticas, económicas, permitindo dessa forma desvendar a razão pela qual optaram pelo *Familia Amorim Tattoo* para a concretização dos seus projectos. A relação com a cidade possibilitou igualmente compreender como se faz sentir a influência do meio urbano no trabalho escolhido e até que ponto essa influência é reconhecida ou não pelos indivíduos.

Do desenvolvimento dos diálogos, constatou-se que o estúdio opera enquanto um ponto de encontro que origina e cultiva relações sociais e afectivas entre sujeitos que, de alguma forma, se encontram envolvidos com o fenómeno da tatuagem. Tatuadores, aprendizes de tatuador, profissionais em outros domínios da modificação corporal e clientes cruzam-se neste espaço comum, trocando primeiramente impressões relativas a esse contexto, mas desenvolvidas posteriormente em diálogos que o trespassam para domínios completamente distintos.

Dessas relações, deduzem-se as *representações simbólicas* associadas à interpretação da sociedade. A lógica com que operam mediante essa interpretação cruza-se com o apropriamento que fazem do seu corpo, enquanto uma peça fundamental no quadro dos envolvimentos sociais. Das conversas que surgiram da *relação com o corpo*, os entrevistados enquadraram a tatuagem enquanto um procedimento que valoriza o corpo, que o complementa ou que incentiva a aceitação

peçoal do físico. Neste sentido, não crêem que a tatuagem tenha uma *mensagem* a ser transmitida ao público, embora possua uma mensagem para si próprios, seja essa a confiança em si, a relação com alguém, a união com um grupo ou o elogio a um interesse pessoal.

Quando executada no período da adolescência, com ou sem o consentimento dos seus responsáveis, os entrevistados admitiram que não antecederam as consequências dessa decisão, daí o arrependimento que sentem hoje ou o desejo de terem reflectido melhor. Por outro lado, houve quem esperasse por uma fase da vida mais oportuna em que a tatuagem fosse melhor aceite, ou resultado de um momento que tenha desempenhado um papel decisivo na sua conduta.

Porém, não existe distinção etária quando a tatuagem ou *piercing* são objectos de discriminação por parte de desconhecidos. Quando confrontados com comportamentos ofensivos verbais, a maioria defende que é preferível manter uma postura tranquila, evitando dessa forma confrontos físicos graves.

Pontualmente referidos, os *piercings* entraram na discussão por fazerem parte integrante dos serviços prestados pelo estúdio. Com o desenvolvimento da reflexão, denotou-se que os entrevistados, tendo ou não *piercings*, não colocavam estes elementos num mesmo patamar em que colocariam a tatuagem. Primeiro, porque a prontidão com que o projecto pode ser iniciado ou desistido, não lhe atribui uma significação comparável à da permanência, dor e trabalho investidos na tatuagem. Por outro lado, o *piercing* é tido como uma experiência antecedente que proporciona a entrada no universo da modificação corporal, contexto do qual os sujeitos podem sair mais facilmente, caso o pretendam.

Recorrer à Antropologia Visual e aos seus fundamentos e métodos, permitiu não só a recolha dos elementos observados como a sua reflexão, e o enquadramento teórico deste fenómeno na Antropologia. A interpretação destes símbolos visuais concluiu que a tatuagem é fundamentada pelas experiências pessoais que ocorrem durante a vida do sujeito, as pessoas com quem se cruza, o conhecimento adquirido, os seus pontos de interesse, uma postura no mundo, representando uma parte de si mas que não o altera.

Por fim, o relacionamento com o tatuador pode ser desenvolvido, a partir do pressuposto de que houve uma relação de partilha entre ambos que merece ser fomentada e trabalhada, ou pode ser visto como uma interacção que se finaliza assim que o trabalho é concluído. O grupo entrevistado manteve até ao final da observação,

uma relação com o estúdio que permaneceu além da sessão ou das sessões de tatuagem, em que as visitas ao estúdio eram frequentes mesmo quando não existia uma marcação, fundamentadas pelo convívio.

Do ponto de vista individual, este exercício implicou um forte desassossego: uma permanente inquietação metodológica e reflexiva de abordagem ao assunto e de como o desenvolver. Outro desassossego inicial foi o da procura por um objecto, questões de partida, objectivos, metodologia a utilizar, o encontro de indivíduos disponíveis a serem meus informantes, entre tantos outros desafios que um trabalho de campo etnográfico envolve. Porém, é inegável que muitas portas foram abertas. Após duas tentativas em outros estúdios, fui finalmente aceite num espaço que colaborou no mais ínfimo detalhe da investigação.

Contudo, sucederam-se ocasiões em que foi imperativo o afastamento do terreno para manter o distanciamento apropriado à condição de investigadora. Em determinados momentos, esta confundia-se com a curiosidade pessoal pelos assuntos tratados. Pessoalmente, esse desvio foi percebido como um comportamento ingrato para com as pessoas envolvidas, ainda que necessário. Porém, as inquietações foram sendo partilhadas e compreendidas pelos profissionais e entrevistados que colaboraram neste projecto.

É de ressaltar que todas as apreciações feitas não deixam de ser apenas uma interpretação pessoal de inúmeras leituras que possam ser feitas dos fenómenos observados, sendo por isso todos os elementos referentes ao contexto observado. Contudo, este ensaio não deixa de funcionar enquanto um contributo para a análise antropológica do corpo, para compreensão das interacções entre os indivíduos e os símbolos que daí ocorrem e as características que definem o trabalho de campo.

Mais do que exercício, revelou-se um ensinamento a partir de uma experiência gratificante e que permitiu desenvolver as capacidades pessoais metodológicas e reflexivas.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Catarina. “A Tatuagem.”, em Revista *Anuário Tattoo e Piercing 2007*. Lisboa: Lisgráfica. 2007. p. 8-13.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de, & Kátia Maria de Almeida Tracy. *Noites Nômades. Espaço e subjectividade nas culturas jovens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. p. 110-125.
- APPADURAI, Arjun. *Dimensões Culturais da Globalização, A modernidade sem peias*. Lisboa: Teorema, 2004. p. 71-93, 237-263.
- BASTOS, Cristiana. “Lisboa, século XXI: uma pós-metrópole nos trânsitos mundiais”, em *Tribos Urbanas. Produção Artística e Identidades*. José Machado Pais e Leila Maria da Silva Blass (orgs.). Lisboa: Imprensa de Ciências. Sociais, 2004. p. 195-221.
- BELL, Judith. *Como realizar um projecto de investigação. Um guia para a pesquisa em Ciências Sociais e da Educação*. Lisboa: Gradiva, 1993.
- BONTE, Michel Izard e Pierre (dir.). “Symbolisme”, em *Dictionnaire de l'ethnologie et de l'anthropologie*. Paris: Presses universitaires de France. 1991. p. 689-691.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas. Sobre a Teoria da Acção*. Oeiras: Celta, 1997.
- CADDEL, Jinxi Boo. “A História da Tatuagem no Antigo Egipto e a sua influência na Body Art da Actualidade.”, em Revista *Anuário Tattoo e Piercing 2010*. Trad. por Catarina Albuquerque. Lisboa: Lisgráfica. 2010. p. 12-14.
- CAMPOS, Ricardo. “Entre as luzes e as sombras da cidade: visibilidade e invisibilidade no *grafiti*”, em Revista *Etnográfica*, Maio de 2009. 13 (1). p. 145-170.
- COLLIER JR., John. “Photography and Visual Anthropology”, em *Principles of Visual Anthropology*, Second Edition, Ed. by Paul Hockings, Berlin; New York: Mouton de Gruyter. 1995. p. 235-250.
- CONDE, Idalina. “A identidade nacional e social dos jovens”, em *Análise Social*, vol. XXV (108-109). 1990. (4º e 5º). p. 675-693.
- CRESPO, Jorge. *A História do Corpo, Memória e Sociedade*. Lisboa: DIFEL, 1990.

- DEVEREUX, Leslie. "An Introductory Essay", em *Fields of Vision: Essays on film studies, visual anthropology and photography*, Berkeley and Los Angeles; California: University of California Press. 1995. p. 1-18.
- EDWARDS, Elizabeth. "Beyond the Boundary: a consideration of the expressive in photography and anthropology", em *Rethinking Anthropology*, Ed. by Marcus Banks and Howard Morphy, New Haven: Yale University Press. 1997. p. 53-75.
- ELLEN, Roy. "Classification", em *Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology*, editado por Alan Barnard e Jonathan Spencer. London: Routledge. 1996. p. 103-106.
- ELLIS, Juniper. *Tattooing the World. Pacific Designs in Print & Skin*. New York: Columbia University Press. 2008. p. 1-31; 52-75.
- FERREIRA, Vítor Sérgio. "A expressão estética das marcas corporais em contextos de neotribalismo juvenil", em *Tribos Urbanas. Produção Artística e Identidades*. José Machado Pais e Leila Maria da Silva Blass (orgs.) Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2004. p. 83-112.
- FERREIRA, Vítor Sérgio. "Os ofícios de marcar o corpo – A realização profissional de um projecto identitário", em *Sociologia – Problemas e Práticas*, nº58, 2008. p. 71-108.
- FERREIRA, Vítor Sérgio. "Política do corpo e política de vida: a tatuagem e o body *piercing* como expressão corporal de uma ética da dissidência", em *Revista Etnográfica*, vol. 11. 11, (2). Lisboa: CEAS, 2007. p. 291-326.
- FERREIRA, Vítor Sérgio. *Marcas que Desmarcam – Tatuagem, Body Piercing e Culturas Juvenis*. Lisboa: ICS Instituto Ciências Sociais. 2006
- FISHER, Jill A. "Tattooing the Body, Marking Culture", em *Body & Society*. SAGE Publications, London: Thousand Oaks and New Delhi. vol. 8(4), 2002. p. 91-107.
- Geertz, Clifford. "Thick Description: Toward an Interpretive Theory of Culture", em *The Interpretation of Cultures: Selected Essays*. New York: Basic Books. 1973. p. 3-30.
- GIDDENS, Anthony. *Modernity and self-identity. Self and Society in the Late Modern Age*. Stanford University Press. Cambridge: Polity Press. 1991.
- HERTZ, Robert. "The pre-eminence of the right hand: a study in religious polarity", em *Beyond the body proper. Reading the Anthropology of material life*. United States of America: Duke University Press. 2007. p. 30-40.
- JOHNSON, Frankie J. *Tattooing: Mind, body, and spirit. The inner essence of the art*. Sociological Viewpoints. University of Pittsburgh at Bradford, 2006.

- LE BRETON, David. *Sinais de identidade: Tatuagens, piercings e outras marcas corporais*, Lisboa: Miosótis – Edição e Distribuição, Lda. 2004.
- LOCK, Margaret. “Cultivating the Body”, em *Anthropology and Epistemologies of bodily practice and knowledge*. [online], Annu. Rev. Antropol. 1993 by Annual Reviews Inc. [Citado em 08 Agosto 2010] Formato PDF. Disponível em:
http://isik.zrc-sazu.si/doc2009/kpms/Anthropology_of_the_Body.pdf
- MACDOUGALL, David. “The visual in anthropology”, em *Rethinking Anthropology*, Ed. by Marcus Banks and Howard Morphy, New Haven: Yale University Press. 1997. p. 276-293.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Os circuitos dos jovens urbanos”, em *Tempo Social*, vol. 17. 2005.
- MEAD, Margaret. “Visual Anthropology in a Discipline of Words”, em *Principles of Visual Anthropology*, Second Edition, Ed. by Paul Hockings, Berlin; New York: Mouton de Gruyter. 1995. p. 66- 70.
- MORPHY, Howard and Marcus Banks. “Introduction: rethinking visual anthropology”, em *Rethinking Anthropology*, Ed. by Marcus Banks and Howard Morphy, New Haven: Yale University Press. 1997. p. 1-31.
- NEVILLE, Heather. *Marking Gender: Women and Tattoos, Practice and Representation*, Philament XXX. 2005.
- OKSANEN, Atte & Jussi Turtiainen. *A Life told in Ink: Narratives and the Problem of the Self in Late Modern Society*. Edward Arnold (Publishers) Ltd, 2005.
- O’NEILL, John. “The Body as a work of art”, em *The Communicative body: studies in communicative philosophy, politics, and sociology*. USA: Northwestern University Press. 1989. p. 17-22.
- PAIS, José Machado, e Leila Maria da Silva Blass. (orgs.). “Introdução”, em *Tribos Urbanas: Produção Artística e Identidades*. Lisboa: Imprensa de Ciências. Sociais, 2004. p. 225-227.
- PAIS, José Machado, e Manuel Villaverde Cabral. (orgs.). *Condutas de Risco, Práticas Culturais e Atitudes Perante o Corpo: Inquérito aos Jovens Portugueses*. Oeiras: Celta Editora, 2004.
- PAIS, José Machado. “Jovens e Cidadania”, em *Sociologia, Problemas e Práticas*. N.º 49. 2005. p. 53-70.
- PEREIRA, Alexandre e Carlos Poupa. *Como escrever uma Tese. Monografia ou Livro Científico usando o Word*. 3ª Edição. Lisboa:Edições Sílabo, 2004.

- PÉREZ, Andrea Lissett. *A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade*. Mana, vol.12, no.1. 2006. p.179-206.
- PHIPPS, Joniki. *The History of The Tattoo in North America*. [online] Ezine Articles. 2007. [Citado em 26 de Julho 2010] Formato HTML. Disponível em:
<http://ezinearticles.com/?The-History-Of-The-Tattoo-In-North-America&id=895727>
- PINE, Frances. “Gender”, em em *Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology*, editado por Alan Barnard e Jonathan Spencer. London: Routledge. 1996. p. 253.
- RODMAN, Margaret. “Beyond built and Culture in Anthropological Study of residential communities spaces”, em *The Cultural Meaning of Urban Space*. Edited Robert Rotenberg and Gary McDonogh, London: Bergin & Garvey, 1993. p.123-138.
- RUSCONE, Luisa Gnechi. “Tattoos in Europe during Medieval Times”, em Revista *Tattoo Life*, Nº33. 7th Year. Published by Media friends Srl. Italy. Distribution Uk, Comag, West Drayton, Middlesex, 2005. p. 32-37.
- RUSCONE, Luisa Gnechi. “Tattoos in Europe: From the Paleolithic Period to the Romans”, em Revista *Tattoo Life*, Nº 29. 6th Year. Published by Media friends Srl. Italy. Distribution Uk, Comag, West Drayton, Middlesex, 2004. p. 32-37.
- RUSCONE, Luisa Gnechi. “The Tattoos of Easter Island”, em Revista *Tattoo Life*, Nº 45, 9th Year. Published by Media friends Srl. Italy. Distribution Uk, Comag, West Drayton, Middlesex, 2007. p. 52-55.
- RUSCONE, Luisa Gnechi. “Tom Riley and Tattoo in Great Britan”, em *Tattoo Life*, Nº 59. 11th Year. Published by Media friends Srl. Italy. Distribution Uk, Comag, West Drayton, Middlesex, 2009. p. 52-55.
- RUSCONE, Luisa Gnechi. “Yakuza. History and Tattoos”, em Revista *Tattoo Life*, Nº 42. 8th Year. Published by Media friends Srl. Italy. Distribution Uk, Comag, West Drayton, Middlesex. 2006. p. 46-50.
- SABINO, César and Luz, Madel T. *Tatuagem, gênero e lógica da diferença*. Physis, vol.16. no.2. 2006. p. 251-272.
- SACKS, Tatiana and Barcaui, Carlos. *Laser e luz pulsada de alta energia: indução e tratamento de reacções alérgicas relacionadas a tatuagens*. An. Bras. Dermatol. vol.79, no.6. 2004. p.709-714.
- SCHIFFMACHER, Henk. *True Love Tattoos*. Taschen. 2001.

- SPENCER, Jonathan. “Symbolic anthropology”, em *Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology*, editado por Alan Barnard e Jonathan Spencer. London: Routledge. 1996. p. 535-539
- SYNNOTT, Anthony. *The Body Social, Symbolism Self and Society*, London and New York: Routledge, 1993. p. 1-37; 206-264.
- THIRY-CHERQUES. *A teoria na prática*. RAP. Rio de Janeiro 40 (1). Jan./Fev. 2006. p. 27-55.
- TURNER, Stephen. *The Social Theory of Practices. Tradition, Tacit Knowledge and Presuppositions*. UK: Polity Press. 1994.
- TURTIAINEN, Atte Oksanen and Jussi. *A Life Told in Ink: Tattoo Narratives and the Problem of the Self in Late Modern Society*. University of Tampere, Finland: Edward Arnold (Publishers) Ltd. 2005. p. 111-130.
- VELHO, Gilberto. “ Ideologia e Imagem da Sociedade”, em *A Utopia Urbana. Um estudo de Antropologia Social*. 4ªEdição. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1972. p. 65-94.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura, Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. 2ªEdição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1987.
- VRANKEN, Michele Van (MD), “Tattoos”, em *TeensHealth from Nemours*. [online], Abril 2009. [Citado em 11 Outubro 2010] Formato HTML. Disponível em:
http://kidshealth.org/teen/your_body/skin_stuff/safe_tattooing.html
- WILLIS, Roy. “Body”, em *Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology*, editado por Alan Barnard e Jonathan Spencer. London: Routledge. 1996. p. 75-76.
- ZUKIN, Sharon. *The Cultures of Cities*. Oxford, Blackwell. 1995.

ANEXOS

A. Guião de entrevista para tatuadores

- Nome:
- Idade:
- Permite a publicação dos dados aqui mencionados?

- Onde nasceu?
- Como descreve a zona onde nasceu?
- Como se descreve em criança e adolescente?
- Como descreve o seu contexto família?
- Como define o seu estilo de vida? O que faz nos tempos livres?

- Quando e como começou o interesse pelas tatuagens?
- Quando começou a pensar em fazer uma tatuagem?
- Houve algum momento específico que tenha despertado essa vontade?
- Conhecia o tatuador e o seu trabalho?
- Pretendia transmitir algo? Se sim, que mensagem queria passar? E a quem?
- Que outra forma de modificação corporal já experimentou? O que achou?
- Haveria outra modificação corporal que gostaria de experimentar? Porquê?

- O que o levou a considerar esta profissão? Teve outras profissões anteriores?
- Com que idade aprendeu a tatuar? Quem o ensinou?
- Quanto tempo demorou até se achar capaz de tatuar alguém?
- Ainda se recorda da primeira pessoa que tatuou?
- De todas as experiências que teve enquanto tatuador/a, houve alguma que o/a tivesse marcado/a particularmente?
- Tem algum tema em particular no qual se sinta mais confortável a desenhar?

- Qual é a sua ligação ao estúdio Família Amorim Tattoo? O que originou essa ligação?
- No atendimento a clientes é frequente estes aparecerem com uma ideia definida daquilo que procuram ou deixam a elaboração do conceito para o tatuador?
- Na sua primeira tatuagem, também tinha uma ideia do que queria ou deixou o tatuador trabalhar a sua ideia?

- Qual a relação que tem com o seu corpo?
- Como descreve a sua aparência? Tem preservado essa imagem ao longo dos anos ou tem vindo a alterá-la?
- Considera a aparência uma peça importante nas relações entre pessoas?
- Já se sentiu discriminado por ter tatuagens? Em que situações?
- Como reage a comentários depreciativos em relação às suas tatuagens? É algo que o/a preocupa ou não lhes presta atenção?

- Porque razão continua ainda hoje a fazer mais tatuagens?
- De momento, tem outras tatuagens em mente? Quais?
- Como entende a crescente adesão às tatuagens, bem como a outras formas de modificação corporal, como *piercings*?
- Como descreve o papel da tatuagem em Portugal nas últimas décadas?
- O que acha de programas televisivos direccionados especificamente para a tatuagem e tudo o que a envolve?
- Considera a mediatização deste fenómeno algo positivo ou negativo? Porque razão?
- Está familiarizado/a com o termo “tribos urbanas”? Se sim, identifica-se com o termo?

B. Guião de entrevista para clientes

- Nome:
- Idade:
- Permite a publicação dos dados aqui mencionados?

- Onde nasceu?
- Como descreve a zona onde nasceu?
- Como se descreve em criança e adolescente?
- Como descreve o seu contexto família?
- Como define o seu estilo de vida? O que faz nos tempos livres?

- Quando e como começou o interesse pelas tatuagens?
- Quando começou a pensar em fazer uma tatuagem?
- Houve algum momento específico que tenha despertado essa vontade?
- Conhecia o tatuador e o seu trabalho?
- Pretendia transmitir algo? Se sim, qual a mensagem que pretendia passar e a quem?

- Qual o desenho que escolheu? E o sitio?
- Como descreve o momento antes, durante e após o processo da tatuagem?
- O que achou do tatuador? Mantém ainda hoje algum tipo de contacto com o mesmo?
- Quais foram as reacções dos seus amigos, familiares e/ou colegas ao saberem que tinha feito uma tatuagem?

- Qual é a sua ligação ao estúdio Família Amorim Tattoo? Como teve conhecimento deste estúdio de tatuagem?
- Que outra forma de modificação corporal já experimentou? O que achou?
- Haveria outra modificação corporal que gostaria de experimentar? Porquê?

- Qual a relação que tem com o seu corpo?
- Como descreve a sua aparência? Tem preservado essa imagem ao longo dos anos ou tem vindo a alterá-la?
- Considera a aparência uma peça importante nas relações entre pessoas?
- Já se sentiu discriminado por ter tatuagens? Em que situações?
- Como reage a comentários depreciativos em relação às suas tatuagens? É algo que o/a preocupa ou não lhes presta atenção?

- Porque razão continua ainda hoje a fazer mais tatuagens?
- De momento, tem outras tatuagens em mente? Quais?
- Como entende a crescente adesão às tatuagens, bem como a outras formas de modificação corporal, como *piercings*?
- Como descreve o papel da tatuagem em Portugal nas últimas décadas?

- O que acha de programas televisivos direccionados especificamente para a tatuagem e tudo o que a envolve?
- Considera a mediatização deste fenómeno algo positivo ou negativo? Porque razão?
- Está familiarizado/a com o termo “tribos urbanas”? Se sim, identifica-se com o termo?

C. Exemplo da Declaração de Responsabilidade:

utilizada no estúdio de tatuagem e *body-piercing* Família Amorim Tattoo. Antes de qualquer trabalho ser feito – tatuagem ou *piercing* – é pedido ao cliente que preencha todos os campos desta ficha, na eventualidade de ser necessário contactá-lo posteriormente. No caso de clientes menores de 18 anos, a fotocópia do menor e do seu encarregado de educação deve acompanhar a declaração. Qualquer trabalho só é executado quando o menor tem idade superior a 16 anos e se faz acompanhar do encarregado de educação responsável.

Família Amorim Tattoo

Declaração de Responsabilidade

Nome: _____ Data de nascimento: ___/___/___

Morada: _____ Cod.Postal/Localidade: _____

Telf/Tlm: _____ Email: _____

Para um melhor atendimento é pedido que responda com a maior sinceridade as seguintes questões:

Tem conhecimento de alguma reacção alérgica com materiais de metal, líquidos e agentes farmacêuticos?

Sim Não Em caso afirmativo,quais? _____

É a primeira vez que coloca um Piercing / Tatuagem? Sim Não

Costuma ter desmaios,tonturas e quebras de tensão? Sim Não

Encontra-se em estado de gravidez? Sim Não

Existem algumas doenças ou astenias físicas:

Doenças infecciosas (HIV / Sida, Hipatites)	Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
Doenças de coração ou problemas de tensão arterial	Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
Hemofilia	Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
Epilepsia	Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>

Nota: O álcool, as drogas e alguns medicamentos poderão provocar no organismo reacções que são prejudiciais ao processo da Tatuagem ou Piercing. O estúdio **Família Amorim** não efectuará Tatuagem ou Piercing caso se encontre sob os efeitos citados ou em estado de gravidez.

Declaro serem verdadeiras todas as afirmações deste questionário, no qual, aprovo o trabalho acordado por min.

Fui informado dos riscos e consequências do Piercing e Tatuagem e também ter tomado conhecimento dos cuidados a ter com os mesmos. A cicatrização depende exclusivamente da minha responsabilidade.

(Em caso de dúvida dirija-se sempre ao profissional que executou o trabalho).

Lisboa, .. de de 200 ..

(Assinatura do cliente)

Em caso de menores: Responsabilidade do Enc.de Educação.(necessario fotocopia do BI do E.educação e do menor

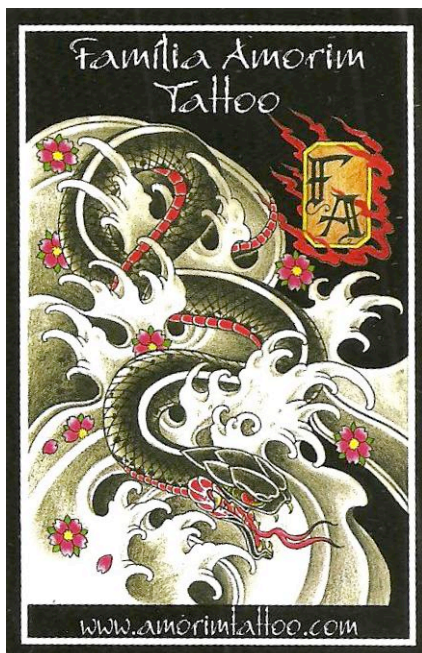
Nome: _____ Data de nascimento: ___/___/___

Nº do BI do Enc. de educação _____ Lisboa, ___ de _____ de 200 ___

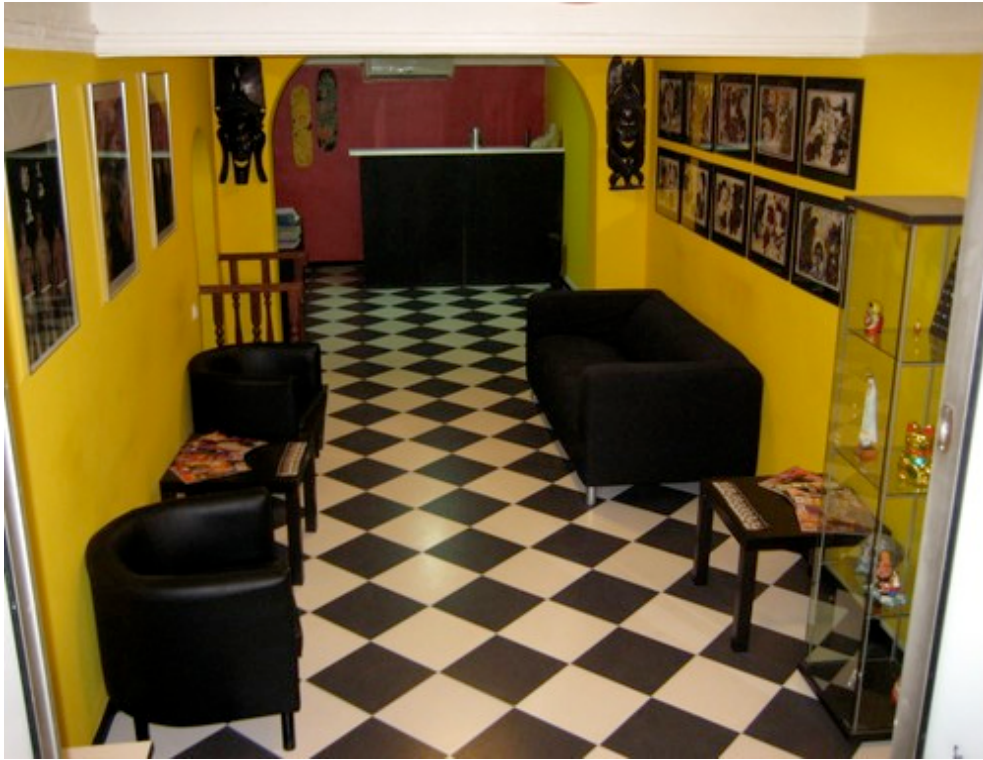
(Assinatura do Enc.de educação)

D. Cartão da loja:

presente na recepção e dado a todos os clientes que fazem a marcação, nesses casos é preenchido com o dia, a hora e o sinal atribuído para a tatuagem, ou dado aos clientes que entram para pedir informações ou que pretendam conhecer o trabalho realizado pelos profissionais do estúdio. Estes podem ser contactados através dos números de telefone e de telemóvel, bem como pelo endereço de e-mail, presentes no verso do cartão.



E. Fotografias do estúdio



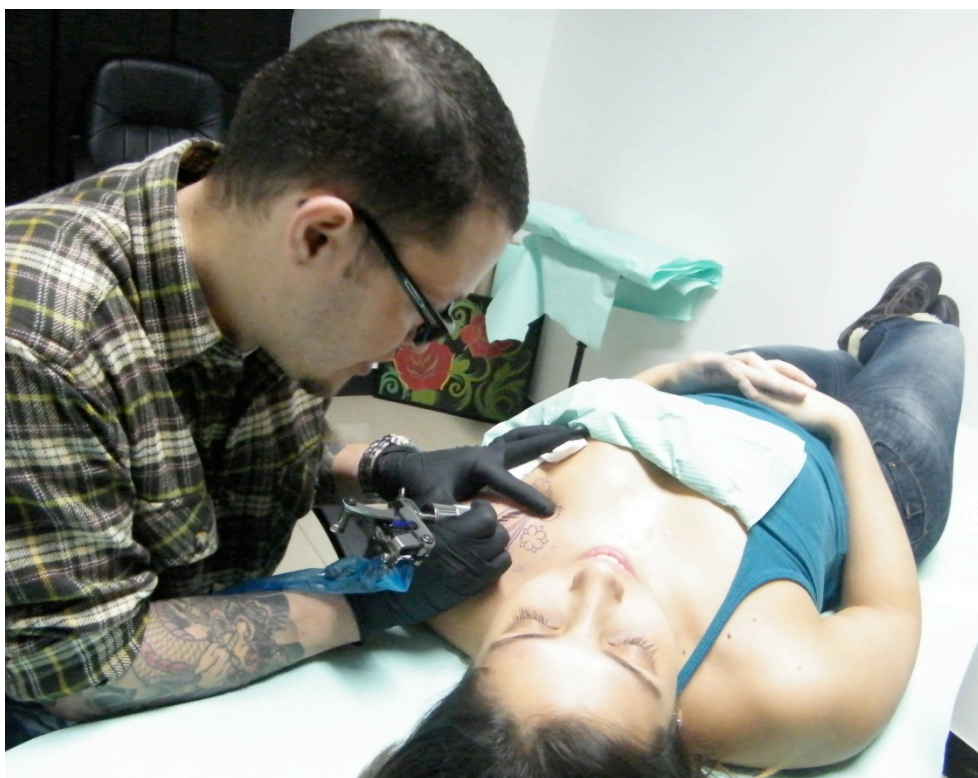
○ **Figura 1:** Sala de espera



○ **Figura 2:** Recepção / Zona onde se encontram disponíveis os catálogos para consulta



○ **Figura 3:** Corredor comum às três salas de trabalho



○ **Figura 4:** Sessão de Diana Tavares com Carlos Amorim, a 26/12/2009



○ **Figura 5:** Máquinas de tatuar de Carlos Amorim



○ **Figura 6:** Mesa de trabalho de Carlos Amorim. Aqui encontram-se tintas utilizadas, bem como as máquinas, a solução para limpar a pele, duas máquinas de tatuar, papel e vários exemplos do desenho (diferentes ângulos) a ser tatuado naquela sessão.

F. Fotografias dos entrevistados



○ **Figura 7:** Pormenor da tatuagem de Patrícia B., retocada por Carlos Amorim, em 04/2010



○ **Figura 8:** Pormenor da tatuagem de Maria M., feita por Carlos Amorim, a 16/10/2009

G. Participações no Anuário Tattoo & Piercing 2009/2010



○ **Figura 9:** Compilação dos melhores trabalhos executados pela equipa do *Família Amorim Tattoo* no Anuário Tattoo e Piercing de 2009



Figura 10: Compilação dos melhores trabalhos executados pela equipa do *Família Amorim Tattoo* no Anuário Tattoo e Piercing de 2010